

**RESENHA CRÍTICA
DE REVELAÇÕES DO APOCALIPSE (3 VOLS.)
DE SAMUEL RAMOS**

por Amin A. Rodor, ThD
Professor de Teologia Sistemática
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Engenheiro Coelho, SP, Brasil

A pedido da Divisão Sul Americana, li os 3 volumes da obra do Pr. Samuel Ramos, *Revelações do Apocalipse*, a partir do que escrevi uma resenha crítica, expressando minhas principais dificuldades com várias das idéias apresentadas pelo autor.

Em resultado, o Pr. Ramos escreveu, em seu estilo *epistolar*, uma longa “resposta”, que, na minha percepção, embora ele diga com freqüência “O Dr. Amin diz”, e “O Dr. Samuel responde”, realmente o Pr. Ramos não responde nada significativo em relação ao que havia escrito. Ele apenas confirma suas confusas noções interpretativas do Apocalipse e passa a desdobrá-las, em noções já expostas em seu trabalho anterior. O Pr. Ramos não parece interessado em ouvir quem quer que escreva discordando das suas teorias. Melindrado e hipersensível, ele se julgou ofendido por aquilo que escrevi, passando a invocar sua folha de serviço em seu favor, como se eu o tivesse atacado pessoalmente.

Esta avaliação, que agora inclui, principalmente, aquilo que o Pr. Ramos escreveu em sua “resposta” à minha primeira resenha, **é final**. Realmente não tenho qualquer interesse neste tipo de exercício, por julgá-lo, para ser franco, completa perda de tempo, daí minha demora em decidir se valeria a pena perder mais tempo com outra avaliação das teorias infundadas do Pr. Ramos. Realmente, houve dias em que desisti completamente do projeto de tratar com noções, a meu ver, em linguagem sem rodeios, disparatadas. O Pr. Ramos tem uma tese infundada que ele quer defender, e está tão convencido do seu ziguezague interpretativo do Apocalipse, que, ao que parece, para ele, tem *status* de revelação. Ele se julga um novo reformador, chamado para “identificar, e mostrar os erros que precisam ser corrigidos em nosso sistema de interpretação profética” (p. 2). Para ele, “o pastor que ama a sua igreja não fica adulando-a e dizendo que está tudo bem com todas as nossas interpretações proféticas e que nada existem para ser corrigido” (p. 1). Eu também creio, que o pastor que realmente ama a sua Igreja, dedica o seu tempo a tarefas mais construtivas, e não fica imprimindo livros sem conteúdo sério, confundindo a cabeça dos irmãos e os desorientando com teorias incorretas.

Em poucas palavras, estou cansado de lidar com este tipo de “reformadores”, que se julgam portadores de “luz especial”, para corrigir a Igreja. Anos na cátedra de teologia, chamado para avaliar uma quantidade de livros, DVDs e folhetins, contendo “nova luz”, além dos encontros pessoais, com os tais “reformadores”, em incontáveis igrejas pelo Brasil, me ensinaram que não há limites para as especulações e desajustes humanos. Quando alguém passa a ser dominado por uma teoria, uma idéia fixa, por mais estranha que ela seja, a possibilidade de persuadi-lo é remota. O que ainda não entendi é a psicologia por

trás destes “reformadores”. O que afinal eles querem? Chamar atenção para si? Auto-afirmação? Passarem por eruditos? Vender livros, e tirar disto algum proveito? Realmente, não sei! O que me surpreende neste caso é encontrar um ministro adventista, envolvido num projeto desta natureza. Dificilmente, se alguma vez, deparei-me com um pastor adventista, em ministério ativo, assumindo tal comportamento. Veja-se a índole de sua intenção: “Assim como a Bíblia diz que o pai que ama o filho, corrige-o assim também como servos de Deus devemos identificar e mostrar os erros que precisam ser corrigidos em nossos sistema de interpretação profética” (p. 1).

Não há qualquer dúvida para o Pr. Ramos. Para ele, a Igreja está em erro interpretativo, e sente-se chamado para corrigi-los. Contudo, para dizer em uma palavra, julgo o projeto do Pr. Ramos pretensioso, para não falar da arrogante mentalidade messiânica. Assim, depois do que aqui for escrito, saio da discussão, e nada mais acrescentarei em réplica ou tréplica, às teorias do Pr. Ramos. O que me deixa intrigado é que, se por um lado o Pr. Ramos pretende reformar a Igreja, por outro lado ele não parece estar muito seguro de suas teorias. Parece que em alguns momentos, caindo em si, o Pr. Ramos sugere “cautela” quanto à sua interpretação, “para não tomar como uma afirmação categórica da verdade” (*Revelações do Apocalipse*, vol. III, p. 84). Noutra lugar, depois de toda a sua divagação interpretativa, ele observa: “Não é sábio acreditar em alguém que afirma categoricamente que o Papa Bento XVI é o último papa...” (idem, p. 110). Um pouco antes ele reconhece: “Se houver algum equívoco nessa interpretação logo todos saberão. Afirmo humildemente ser este estudo um esforço sincero na busca da verdade...” (p. 106). Bem, ao que parece, o homem quer ser um reformador, mas ele próprio não está seguro do está dizendo. Todos sabemos que convicção é fundamental para fazermos qualquer impacto. O Pr. Ramos me lembra o pastor americano que tinha os índices de frequência de seus paroquianos caindo drasticamente. O seu diácono chefe então o adverte: “Bem, ajudaria se o senhor parasse de repetir ao final de cada sermão: *‘But again, what do I know.’*” Em outras palavras, se você não está absolutamente seguro do que está pregando ou escrevendo, não escreva ou pregue!

Talvez apenas a morte de Bento XVI e a substituição dele (em grande medida, parte das teorias do Pr. Ramos dependem da longevidade do papa atual) poderão chamar a atenção do Pr. Ramos para a realidade do engano dos seus escritos. De qualquer maneira, por enquanto, isto está no ventre do futuro!

A paginação aqui utilizada refere-se a sua “resposta”. Quando, de outra forma, como acima, a indicação será feita.

Questões Metodológicas

- **MAU USO DAS FONTES.** Antes de tratar com as “respostas” do Pr. Ramos, vou tratar com esta questão fundamental. Devo mencionar que tentei enumerar as citações em que o Pr. Ramos utiliza em seu chamado “diálogo”. Contei-as todas. Um número considerável, mas, isto apenas confirmou o que já suspeitava: As inúmeras citações são mencionadas na maioria das vezes fora do contexto e sem qualquer respeito à intencionalidade do autor original. Isto é verdade também e particularmente com Ellen White. O mesmo se dá com as pessoas que ele

menciona, ou com quem ele diz ter conversado. Tal método se repete vez após vez. A impressão que se tem é que o Pr. Ramos está tão convencido de suas idéias que para ele todo mundo o está apoiando. Inúmeros são os casos de más citações ou falsas analogias, onde o autor que ele cita é tido como sustentando o que o Pr. Ramos crê. O autor pode estar falando, no contexto, de carambola, e o Pr. Ramos, o entende estar discutindo melancia, para dar apoio às suas teorias. Abaixo relaciono alguns exemplos.

MARIO VELOSO. Às paginas 13 e 39, o Pr. Ramos menciona Mario Veloso como favorecendo suas idéias (de que Apocalipse 4 e 5 se referem a 1844). Como ele diz na pág. 13, “O Dr. Mario Veloso [entre outros] também explica/m os capítulos 4 e 5 do Apocalipse no contexto do Juízo Celestial!” Enviei para Veloso o diagrama que o Pr. Ramos me havia mandado, descrevendo suas idéias. Veja-se a resposta de Veloso, em e-mail a mim enviado, em 14 de março de 2009 (isto mesmo, 2009, daí veja-se a minha relutância em perder tempo neste projeto): “Não concordo com a interpretação futurista para as profecias em sete ou em parte delas que aparecem na primeira parte do livro do Apocalipse. Meu artigo sobre O Santuário no Apocalipse, publicado pelo Biblical Research Institute da Associação Geral [do qual parece que o Pr. Ramos dependeu, para chegar à sua conclusão, quanto ao apoio de Veloso], não trata com esse assunto. Mas meu livro *El Apocalipsis y el fin del mundo*, publicado pela Pacific Press e pela ACES (Argentina), sim. Aí minha interpretação concorda com a interpretação tradicional adventista: As sete igrejas, os setes selos e as sete trombetas, cumprem em forma historicamente paralela, desde o tempo cristão. A prova mais clara está na coincidência do selamento, entre o sexto e o sétimo selos; da profecia sobre o livrinho aberto entre o sexto selo e a sétima trombeta no mesmo tempo da existência da igreja de Laodicéia, [no] tempo do fim. Isso significa que o conteúdo dos seis primeiros selos e das seis primeiras trombetas deve ocorrer antes de 1844, em tempo paralelo com as seis primeiras igrejas. Esta seqüência paralela não pode ser alterada pois está no mesmo livro de João.”

Aqui devo fazer uma pequena digressão: O Pr. Ramos claramente parece não entender o significado de “futurismo” (daí escandalizarem-se quando eu o considero futurista, pelo menos parcialmente). Tal método de interpretação, basicamente significa remover seções do Apocalipse para o futuro (como o Pr. Ramos faz com o Apocalipse 4 e 5), retirando-os do fluxo da história. Voltarei a esta questão posteriormente. Mas, como teólogo perceptivo, Veloso entende que o método do Pr. Ramos não passa de futurismo. Talvez, o problema básico do Pr. Ramos seja sua falta de treino teológico sério!

ALBERTO TIMM. À página 13, ainda o Pr. Ramos observa, “Pessoalmente, com o Dr. Alberto Timm, em outubro de 2007, ele me disse que realmente vários teólogos adventistas já aceitam os capítulos 4 e 5 do Apocalipse como sendo uma referencia ao Juízo Celestial”. Tal referencia é ambígua. Os teólogos adventistas concordam que Apocalipse 4 e 5 é a inauguração do Santuário Celestial no ano 31, não que estes capítulos se refiram às teorias do Pr. Ramos. Nenhum deles como uma referencia a 1844. A divergência é que enquanto alguns acham que Apocalipse 4 e 5 faz uma alusão à inauguração apenas do Lugar Santo, no ano 31

d.C., outros pensam que tal inauguração é de todo o Santuário, também no ano 31. Em consulta com o Dr. Timm, isto é precisamente o que ele afirma ter dito em conversa com o Pr. Ramos (confirmação posterior por e-mail).

ALEJANDRO BULLÓN. A tentativa de alistar o evangelista Alejandro Bullón ao lado de suas teorias é simplesmente ridícula. Sem discutir a natureza da fonte, a forma como ela é utilizada, deixaria qualquer pessoa com um mínimo de treino em metodologia de pesquisa completamente perplexa senão escandalizada. A porta aberta da qual Bullón fala, é a porta “entre o lugar santo e o lugar santíssimo, lá no Céu, que se abriu para que Jesus pudesse iniciar a purificação do Santuário.” (Bullón, *Apocalipse*, p. 36-37), aberta em 1844, depois do ministério de Cristo no lugar Santo, precisamente o que Ellen White confirma, como veremos abaixo, e como qualquer adventista razoavelmente esclarecido deve saber. Não encontramos absolutamente nada neste texto de Bullón, que pudesse, mesmo por qualquer forma de inferência, apoiar as idéias do Pr. Ramos. Fixado em suas teorias, deploravelmente, ele julga que todo mundo fala o que ele está pensando.

Veja-se o diagrama utilizado por Bullón, no mesmo contexto, perfeitamente aquilo que a Igreja tem estado pregando por aproximadamente 150 anos, e que está em frontal divergência com as idéias do Pr. Ramos. Bullón cita neste capítulo do seu livro (“A Hora do Juízo Chegou”) o livro do Apocalipse quatro vezes: duas vezes o capítulo 14, e duas vezes o capítulo 4. Nem remotamente encontramos qualquer aproximação das teorias do Pr. Ramos. Mas, se o Pr. Ramos não fosse seletivo no uso de suas fontes, e tivesse lido com atenção o próximo capítulo do livro de Bullón, “O Mistério dos Quatro Cavaleiros”, teria visto que a interpretação dos selos que Bullón apresenta (inclusive o cavalo vermelho, singularmente visto pelo Pr. Ramos da forma mais estapafúrdia) segue à risca a interpretação adventista tradicional. Para Bullón, “O cavalo vermelho revela discórdia, discussão e controvérsia... Vermelho é a cor do sangue, e por esse motivo, muitos estudiosos da Bíblia relacionam esse período com a época de perseguições extremas que a Igreja atravessou durante os três primeiros séculos, sob as mãos dos cézares...” (Bullón, *Apocalipse*, p. 42, o destaque é meu).

Ou o Pr. Ramos não leu isto? Porque, se Bullón é a autoridade que ele (Ramos) quer colocar do seu lado, este texto desmantela toda a sua teoria, pois para Bullón, o período das perseguições, tipificada pelo cavalo vermelho (que não tem nada “com os protestantes que dizem aceitar o sangue de Cristo”), se deu “durante os três primeiros séculos”. A conclusão inevitável é que Samuel Ramos enxerga mal, e enxerga apenas aquilo que ele pode utilizar para precariamente defender as suas idéias, e assim confundir leitores despreparados. Duvido mesmo que o Pr. Bullón tenha o mais longínquo conhecimento da existência das idéias de Samuel Ramos! Ou será que o Pr. Bullón também tentou ludibriar os editores da CPB, incluindo “a interpretação histórica”, para que o seu livro fosse publicado, como o Pr. Ramos diz ter feito Battistone, autor da lição da Escola Sabatina, do 2º trimestre de 1989? (veja abaixo).

ROBERT DEAN DAVIS, antigo professor de teologia no Brasil (citado com Mário Veloso, no intuito de assegurar endosso de peso). Para o Pr. Ramos, Dean Davis “também explica os capítulos 4 e 5 do Apocalipse no contexto do Juízo Celestial”

(p. 13) Já vimos o próprio Veloso desacreditar tal teoria. Quanto a Dean Davis, nos perguntamos de onde o Pr. Ramos teria tirado idéia do tal apoio? Segundo o Pr. Ramos foi em “conversa pessoal”, e aqui caímos no terreno do subjetivismo. Se ele cita Dean Davis com a mesma “precisão” com que cita Alberto Timm, Mario Veloso, e Bullón, então temos toda razão para desconfiar do tal endosso. Dean Davis fez um doutorado (sério), e escreveu sua dissertação doctoral no Apocalipse. Por que o Pr. Ramos não cita qualquer coisa escrita do Dr. Davis, número de página, ano de publicação, algo preto no branco, claramente a favor de suas idéias? Simplesmente porque isto não existe, e novamente ele precisa de uma cortina de fumaça, para dar uma impressão de teólogos adventistas partilhando suas noções. “Conversa pessoal” não é suficiente como evidencia em qualquer círculo acadêmico (pelo menos uma carta, um e-mail)!

À página 13

A LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA. Aqui teríamos material para um capítulo. Na minha avaliação anterior, indiquei não apenas a fixação do Pr. Ramos na expressão da Lição da Escola Sabatina, que as seções do Apocalipse, cruciais para sua teoria, estão sendo “reestudadas pela Igreja”. Para o Pr. Ramos isto soa como o endosso final ou a justificativa para suas idéias. Em destaque, ele introduz tal texto da Lição da Escola Sabatina/1989, que tanto o encanta, como que, para garantir que todos dêem atenção à sua interpretação “...a lição da Escola Sabatina do 2º trimestre de 1989 colocou uma nota explicativa especificamente no estudo dos Sete Selos e das Sete Trombetas”, então ele cita a lição, também em negrito: “Os selos do Apocalipse 6:1 a 8:1 estão sendo re-estudados constantemente pelos Adventistas do Sétimo Dia. Reconhecemos que esta é uma parte das Escrituras que requer cuidadosa investigação. Precisamos abrir o coração e a mente para o ministério de ensino do Espírito Santo, ao procurarmos a aplicabilidade especial dessa profecia à Igreja e ao mundo, hoje em dia.” (Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre de 1989, 1ª parte, 85, citado pelo Pr. Ramos à p. 4).

Fantástico! Como, segundo Battistone, esta seção das Escrituras está “constantemente em re-estudo”, num “passe de mágica” fica tudo resolvido para o Pr. Ramos. Ele se sente plenamente justificado para publicar suas interpretações, que, imagino, com ou sem “re-estudo” da Igreja, seriam publicadas de qualquer forma. Entretanto, tudo o que é dito na lição é que esta seção das Escrituras “está constantemente em re-estudo”. O que há de tão extraordinário nisto? Primeiro, o adjetivo ‘constante’, ou o advérbio de modo “constantemente”, indicam apenas que tal re-estudo não é coisa nova, e afinal, não é parte da natureza da Bíblia, levar-nos ao seu “constante re-estudo”? Não somos desafiados a reestudar cada seção das Escrituras constantemente? Sou tentado a crer que, provavelmente, agora, depois dos livros do Pr. Ramos, já não precisamos re-estudar mais nada! Samuel Ramos finalmente surgiu com a interpretação final. Francamente!!!

Não precisaria dizer mais nada, senão chamar a atenção para a maneira como a Lição da Escola Sabatina de Battistone interpreta os textos em “constante reestudo”. De fato não há na Lição nenhum “reestudo”, como entendido pelo Pr. Ramos. Segundo a maneira como o Pr. Ramos faz a sua “exegese” da frase “em constante re-estudo”, deveríamos encontrar em Battistone, um estudo

revolucionário das tais seções sendo “re-estudadas”, em divergência radical com aquilo que a Igreja tem crido sobre elas. Mas é isto que encontramos? Verificamos alguma divergência na Lição de Battistone? Algo novo? Alguma “revelação progressiva” ‘a lá’ Samuel Ramos? NADA, ABSOLUTAMENTE NADA. A LIÇÃO DISCORRE SOBRE OS TEXTOS PRECISAMENTE COMO OS ADVENTISTAS HISTORICAMENTE OS TEM ENTENDIDO E INTERPRETADO, POR DÉCADAS. Não deveria isto ser o suficiente para o Pr. Ramos pensar duas vezes? Mas o que ele faz? Retira pedaços de textos, e faz uma “colagem” com outros textos, citados em outros contextos. Fragmenta o pensamento do autor, e utilizando as famosas, mas pouco recomendáveis “elipses”, conclui que se tem aí um “re-estudo”, parecido com o seu, para dar a impressão que ele está sendo validado.

Mas como indiquei, o Pr. Ramos é desacreditado pela interpretação que o autor da Lição da Escola Sabatina do 2º Trimestre de 1989 faz dos textos em questão. Ele (Battistone) não se desvia um milímetro sequer daquilo que os adventistas têm crido. Do cavalo branco ao cavalo amarelo (símbolos que são grotescamente entendidos pelo Pr. Ramos), os selos e as trombetas, Absolutamente nada que se aproxime das idéias do Pr. Ramos. Tudo, de Apocalipse 4 a 11, nenhuma variação, como deveríamos esperar, depois de tanto alarde acerca do tal “re-estudo”. Qualquer dúvida, é só consultar a Lição da Escola Sabatina em questão.

Se o autor da Lição da Escola Sabatina cresse como o Pr. Ramos diz que ele crê, por que ele (Battistone) não apresenta as tais novidades interpretativas na lição? À página 39 do documento do Pr. Ramos, temos a resposta. O Pr. Ramos surge aí com a mais incrível explicação, que eu reluto crer que ele (Ramos) a tenha sequer sugerido. Diz o Pr. Ramos: “DÁ-SE A IMPRESSÃO DE QUE O AUTOR [Battistone] INTRODUZIU A PARTE HISTORICISTA PARA QUE A LIÇÃO FOSSE APROVADA E PUBLICADA, PORQUE NA REALIDADE ELE MISTURA OS DOIS CONCEITOS USANDO APOCALIPSE 4 E 5 TANTO PARA A ASCENSÃO DE JESUS NO ANO 31 COMO PARA O INÍCIO DO JUÍZO CELESTIAL EM 1844!” (Embora não encontremos tal interpretação na lição da ES de Battistone). Então Ramos admite, “Obviamente que não podemos interpretar Apoc. 4 e 5 de duas formas tão diferentes, porque uma interpretação diz respeito ao início da primeira fase do ministério de Jesus no lugar santo do santuário Celestial, e a outra aplica depois esses capítulos ao início da segunda fase do ministério de Jesus no santíssimo do Santuário Celestial.”

Se a imaginação de Ramos está correta, o autor da Lição da Escola Sabatina do 2º Trimestre de 1989, Joseph Battistone, não passa de um caloteiro, ludibriador, um trapaceiro, hipócrita e enganador, que crê uma coisa, mas para que suas idéias sejam publicadas, recorre ao engano, ao dolo, à duplicidade, para confundir e ludibriar a Comissão Mundial de Publicação das Lições da ES. O que realmente o Pr. Ramos pensa desta gente toda? Battistone, um espertalhão, intelectualmente desonesto, e a Comissão Mundial para publicação da ES, formada grupo de simplórios, facilmente ludibriáveis. Neste caso a que perigos não estaria exposta a comunidade adventista mundial, nas mãos de charlatães e incompetentes como estes?

Veja-se que não há limite para a fixação do Pr. Ramos em “explicar” o que só tem explicação se recorrermos ao método dele. Mas neste caso, ele

próprio (Ramos) subverte a sua teoria do endosso da Lição da Escola Sabatina. À página 4 ele pergunta de maneira retórica: “Por que a Comissão Mundial que supervisiona a edição da Lição da Escola Sabatina para mundo inteiro concordaria em colocar essas duas notas explicativas especificamente antes do estudo dos Sete Selos e das Sete Trombetas [as tais notas de que o tema está em re-estudo], se o estudo dessas profecias não estivesse aberto para discussão?” A RESPOSTA, segundo o raciocínio do próprio Ramos, não pode ser outra: Eles permitiram a publicação da lição PORQUE FORAM ENGANADOS, POR BATTISTONE! Não deixo de ficar estarecido com tudo isto.

Mas a incoerência do Pr. Ramos vai mais longe. Na p. 50, ele observa: “Uma vez, um professor do Seminário Teológico (UNASP) perguntou-me porque eu usava tanto a Lição da Escola Sabatina como fonte. Minha resposta foi: Joseph Battistone tem livros publicados, mas eu prefiro usar como fonte a lição porque o livro reflete o pensamento do autor, enquanto que a lição não reflete o pensamento do autor e sim da Comissão Mundial da Associação Geral encarregada pela supervisão das lições da Escola Sabatina. Eu dou muito mais crédito a uma fonte que reflete o pensamento oficial da Igreja Adventista.” Novamente deixo de entender a lógica do Pr. Ramos: (1) Porque não há nada na lição que apóie as interpretações dele [Pr. Ramos], uma vez que, exceto pela dúbia frase de que “esta seção do Apocalipse está em reestudo”, e (2) Porque como ele, o Pr. Ramos admite, Battistone ludibriou a Comissão Mundial, para ter “suas idéias publicadas”, embora na lição Battistone siga a interpretação clássica da Igreja. Neste caso, qual realmente é a virtude em utilizar a Lição da Escola Sabatina, porque, segundo a lógica do Pr. Ramos, ela não reflete o pensamento da Igreja, apenas o engano de Battistone.

Sugiro aqui um teste muito simples ao Pr. Ramos: Por que ele não procurou o autor da lição, agora já aposentado e pediu-lhe uma carta confirmatória? Uma vez que, segundo ele (Pr. Ramos), no texto acima, Battistone “tem muitos livros publicados”, por que não buscou uma única destas publicações de Battistone para garantir que o autor da lição da ES pensa como ele? Ao mesmo tempo da lição, tão incensada pelo Pr. Ramos, em 1989, Battistone publicou o livro tratando com o tópico do Apocalipse 4 a 11, sob o título *God's Church in a Hostile World*. Não seria de esperar que aí ele, uma vez que não dependia de nenhuma comissão de publicação, expusesse suas idéias, preto no branco? Mas novamente, nada. Battistone depois de aposentado estaria livre para publicar as noções que o Pr. Ramos diz são defendidas por ele (Battistone), na ES, ainda que fosse por hobby. Mas nada encontramos que, mesmo de longe, “cheire” às interpretações atribuídas a ele. Fica aí o desafio: Battistone vive na Califórnia, e que o Pr. Ramos entre em contato com ele, e peça que ele apresente uma única linha confirmando suas idéias. Claro que, neste caso, o Pr. Ramos deve explicar claramente ao Pr. Battistone o que ele (Ramos) crê!

Eu poderia continuar com este enfadonho trabalho de verificar o uso que o Pr. Ramos faz das suas fontes. Sinceramente, creio que há algo muito errado com o método do Pr. Ramos. Seria necessária uma cegueira desproporcional, se não algo pior, para que alguém utilizasse fonte após fonte de maneira tão distorcida e incorreta. Mas a julgar pela veemência com que o Pr. Ramos argumenta, parece que ele está absolutamente convencido de que os

autores citados estão do seu lado, embora qualquer leitura superficial destes autores seja suficiente para desacreditar o uso que o Pr. Ramos faz deles.

A Estatística do Pr. Ramos

De alguma forma ainda ligado com a seção anterior desta discussão, incluo outro modo do Pr. Ramos tentar validar suas interpretações, novamente dando a impressão errada do que outros crêem no que ele crê. Desta vez é “a maioria dos pastores adventistas”.

Segundo o Pr. Ramos, na página 12 do seu documento de resposta, “A Igreja Adventista do Sétimo Dia está mudando em relação aos capítulos 4 e 5 do Apocalipse.” Então, veja-se a evidência apresentada, muito ao estilo do Pr. Ramos: “Quando em conversa com outros pastores adventistas geralmente eu pergunto o que eles pensam sobre as cenas do Apocalipse 4 e 5. Quase todos respondem que os capítulos 4 e 5 do Apocalipse estão apresentando o cenário da sala do juízo e o início do juízo em 1844.” Então ele narra a conversa com alguns colegas sobre o tópico, e acrescenta “Quando eu menciono que a posição tradicional e historicista da igreja ensina que as cenas de Apocalipse 4 e 5 dizem respeito à ascensão de Jesus no ano 31, e o início da intercessão de Jesus no lugar santo, eles se mostram surpresos.” Na página 13, com tom de indignação, o Pr. Ramos desabafa: “Até quando vamos insistir defendendo uma posição que quase a totalidade dos pastores não acredita.”

O estranho é que no contexto imediato o Pr. Ramos cita C. Mervyn Maxwell e Ranko Stefanovic, como ele mesmo admite, defensores da posição historicista, isto é que Ap. 4 e 5 cumpriu-se na ascensão de Cristo no ano 31. Isto é, a sua conclusão é precisamente contrária aos autores que ele cita (Maxwell e Stefanovic), mestres de incontáveis gerações de ministros adventistas. Como entender esta estatística de “quase a totalidade dos pastores não acredita...” Realmente é muito difícil acompanhar o raciocínio do Pr. Ramos. Ele escreve, como diria Machado de Assis, “ao correr da pena”, (mutatis mutandi, “ao correr do teclado”) sem qualquer atenção à lógica interna de suas idéias.

Voltando à questão dos pastores “surpresos” que a Igreja “ainda mantenha sua posição histórica”, realmente não entendo a razão da surpresa destes pastores. Stefanovic, que sucedeu Paulien, ambos, o primeiro que leciona e o segundo que lecionou disciplina do Apocalipse (Revelation), formando inúmeras gerações de pastores adventistas que cursam o Mestrado em Divindade no Seminário da Andrews, os dois mantêm a posição historicista. No Brasil, como mencionado acima, o Pr. José Carlos Ramos por anos tem lecionado a mesma disciplina, ensinando a mesma coisa. Então, se é verdade o que o Pr. Ramos afirma, devo perguntar: onde teriam os tais pastores feito o seu curso de Teologia? Ou será que eles não lêem as publicações adventistas sobre a questão? Ou, especificamente, onde teriam eles (os tais pastores surpresos) estudado a disciplina “Apocalipse”? Com o Pr. Ramos (não o José Carlos Ramos do Brasil, professor de Apocalipse)?

Os adventistas crêem consistentemente que os capítulos 4 e 5 do Apocalipse cumpriram-se no ano 31. Os Selos e as Trombetas do Apocalipse cobrem todo o arco da história cristã, da ascensão de Cristo, até o Segundo

Advento, ou como diz Jon Paulien “da inauguração do ministério de Cristo, até o seu retorno” *Symposium on Revelation, Book I*, editado por Frank B. Holbrook (Silver Spring, MI: Biblical Research Institute, 1992), p. 187.

Em dois capítulos do livro citado: “*Seals and Trumpets: Some Current Discussion*” (p. 183-198) e “*The Seven Seals*” (p. 199-233), Paulien, analisa cuidadosamente os estudos de Kenneth Strand, um dos mais sólidos intérpretes do Apocalipse nos meios adventistas. (Strand escreveu dois livros relacionados, um sobre a interpretação do Apocalipse, *Interpreting the Book of Revelation*, e outro sobre a estrutura do Apocalipse, *Perspectives in the Book of Revelation*, os dois publicados pela Universidade de Michigan, Ann Arbor.) Strand, no segundo livro mencionado, estabelece o que se tornou normativo na interpretação adventista do Apocalipse. Sua estrutura quiástica divide o Apocalipse em duas seções: A Era Histórica (Apocalipse 1 a 14) e a Era Escatológica (caps. 15-22). Paulien, como mencionei acima, analisa Strand, e outros trabalhos anteriores, concluindo: “O adventismo histórico, chegou a concordar que o livro do Apocalipse está dividido naturalmente em duas partes. A primeira cobrindo os maiores eventos da história profética entre os dois adventos de Cristo, embora cada série leve ao tempo do fim. Esta abordagem interpretativa do Apocalipse 1 a 14, conhecida como historicismo, esteve baseada nos moldes de Daniel e do próprio Jesus, ao descrever o futuro em termos de uma série de eventos históricos conduzindo, desde o termo do profeta até o estabelecimento do reino eterno” (idem, p. 184).

Jon Paulien consistentemente analisa que, pela estrutura do livro do Apocalipse, a teoria de que os capítulos 4-6 se refiram a 1844, é uma impossibilidade. Além disto, há o obstáculo do fator exegético: a terminologia do juízo nem aparece nesta seção, o que grandemente desacredita a teoria do Pr. Ramos. Há finalmente as fortes evidências vindas de Ellen White, em *O Grande Conflito*, como veremos posteriormente. Assim, como entender a estatística do Pr. Ramos sobre “a maioria dos pastores adventistas”? Diz-se que há três formas de se falar com a verdade: com a mentira, com o perjúrio e com as estatísticas!

Curiosamente, na página 13 o Pr. Ramos, depois do seu desabafo indignado sobre o “até quando vamos insistir defendendo uma posição que quase a totalidade dos pastores não acredita”?, ele inicia o segundo parágrafo: “essa posição tradicional da igreja [a posição de que Apocalipse 4 e 5 tem que ver com a inauguração do santuário no ano 31, por ocasião da ascensão de Jesus], é inconsistente e tem sido evitada pela maioria dos pastores”, então ele arremata: “como evidência disso citamos o livro do Pr. Alejandro Bullón, Apocalipse...” O Pr. Ramos está errado nas duas afirmações: a maioria dos pastores adventistas não crê como ele, e o Pr. Bullón, como vimos, nada sugere que pudesse ser construído como um endosso às bizarrices do Pr. Ramos.

Revelação Progressiva

Em relação à teoria do Pr. Ramos quanto ao “caráter progressivo da revelação”, utilizado como justificativa para sua ruptura com a interpretação normativa dos adventistas do Apocalipse 4 e 5, dos Selos e das Trombetas, além do Apocalipse 17 (veja p. 2 e 3), o Pr. Ramos diz simplesmente ter extraído suas

idéias de revelação progressiva de *O Grande Conflito*, p. 297. *Tal explicação, contudo*, não passa de outra de suas *falsas analogias*. A citação é do capítulo XVI, de *O Grande Conflito* que, no contexto imediato, está apenas descrevendo situações históricas, em nada relacionadas, paralelas, ou convergentes com o que o Pr. Ramos julga ser o seu caso. Ellen White, no parágrafo da citação, trata com a perseguição religiosa na Europa, e a busca de refúgio no Novo Mundo. Robinson e Roger Willians foram reformadores que enfrentaram a apostasia e a escuridão que haviam prevalecido, em grande medida, ainda em resultado do longo império medieval da Igreja de Roma.

Será que o Pr. Ramos se julga um novo reformador da ordem de Wycliffe, Huss, Lutero, Tyndale, Baxter, Wesley, “contra quem [o Pr. Ramos observa] desencadeou-se perseguição implacável...”? Assim parece, porque ele, no mesmo contexto, escreve em destaque: “Toda nova verdade teve que enfrentar ódio, e a oposição; os que foram beneficiados por sua luz sofreram tentações e provações. O Senhor dá ao povo uma verdade especial quando este se encontra em situação difícil. Quem ousa recusar-se a publicá-la?”

É o Pr. Ramos quem destaca o texto em negrito, certamente tentando chamar a atenção para uma “semelhança” entre a verdade progressiva que brilhou através dos reformadores em colisão com as heresias abertas da Igreja Romana, e a “revelação progressiva” que ele advoga para si, sugerindo que a Igreja de Deus atual esteja em perigo, e que ele, como um novo reformador, se sente chamado a desafiar.

Será que a Igreja, que ele diz amar, o remanescente para o tempo do fim, está em trevas de apostasia, semelhantes àquelas enfrentadas pelos reformadores que ele cita? Será que o Pr. Ramos também se sente perseguido, como o paladino de uma “nova luz”, que ele julga ter descoberto (ou inventado?) e com a qual ele se apresenta tão deslumbrado? Será que o Pr. Ramos se julga perseguido como resultado da “revelação progressiva”, a qual ele diz representar? Teriam os adventistas, afinal, se tornado como o catolicismo, e regredido ao período das perseguições medievais, se igualando à Igreja de Roma, com novos mártires, campeões da verdade, e re-encenando os antigos tribunais de inquisição, com novos Torquemadas? Os complexos de vítima e de perseguições imaginárias não têm boa fama na psicologia. O quixotismo aqui é ridículo e puro resultado da imaginação.

A verdade é outra. Não há qualquer precedente na história do adventismo que justifique o complexo de vítima do Pr. Samuel. Os adventistas têm acatado a “revelação progressiva” e se submetido a ela, mas evidentemente dentro de critérios sérios. Tivesse a Igreja Adventista aceito cada “nova luz” que tem aparecido no cenário, e ela já estaria absolutamente desintegrada ou ofuscada, senão cega, por “tanta luz”. Assim, ao contrário, é a Igreja que tem sido perseguida pelos “novos reformadores”, que com idéias totalmente descompensadas, confundem os seus membros sinceros, publicando livros, mantendo blogs e divulgando CDs e DVDs com sérias conseqüências espirituais, em termos de desânimo, dúvida e cinismo.

O Pr. Samuel, no mesmo contexto, cita triunfante e determinado: “Quem ousa recusar-se a publicá-la [a tal “luz” dele]?” E esta parece ser a justificativa que ele sugere para os livros que ele publicou de temas mal

compreendidos, sem praticamente consultar a ninguém, ou aparentemente, sem ter lido autores adventistas sérios, o que deveria ter sido sua primeira tarefa. O Pr. Ramos deveria estudar cuidadosamente os conselhos dados pela voz profética aos adventistas quanto à “nova luz”. Ellen G. White, no livro *Counsels to Writers and Editors*, inclui dois capítulos que teriam sido úteis ao Pr. Ramos: “Attitude to New Light” e “Investigation of New Light” (p. 33-51). Realmente, não há “escusas para alguém tomar uma posição de que não há mais verdades para ser reveladas”, como o Pr. Samuel corretamente observa, citando Ellen G. White (p. 2), mas isto não é um cheque em branco para cada “intérprete” que encontramos no mercado.

Antes de publicar os seus livros com sua “revelação progressiva”, com quem o Pr. Ramos se aconselhou? Quais foram as sugestões que lhe fizeram? Individualismo nestas questões não parece ser um bom sinal. Para Ellen G. White, “O Redentor do Mundo não sanciona experimentos e exercícios em questões religiosas independentes de Sua Igreja organizada e reconhecida” (*Sketches for the Life of Paul*, p. 31). O Pr. Samuel tenta minimizar a questão da independência e individualismo citando ou mencionando teólogos adventistas como “favoráveis” às suas idéias. Mas isto, como vimos, não passa de uma cortina de fumaça. As fontes que ele cita, como no caso da *Lição da Escola Sabatina*, e outros teólogos reconhecidos, têm posição precisamente contrária às suas idéias. Ele fala de uma maioria de pastores que “crê como ele”? Mas quem são eles? Poderíamos conhecer o nome deles? Provavelmente o Pr. Ramos não poderia relacionar cinco. Para Ellen White, afinal, “Não é bom sinal quando alguns homens recusam se unirem aos seus irmãos e preferem agir sozinhos” (*Testemunhos para Ministros*, p. 488, 480).

“Que Falem os Frutos”

Ainda em seu documento, o Pr. Ramos, tendo invocado equivocadamente muitos nome em seu favor, ele invoca sua própria “folha de serviço” denominacional. Ele apela para frutos (do seu ministério), para que estes “falem de sua [dele] fidelidade aos princípios da Bíblia e do Espírito de Profecia. Que falem os frutos”, apela ele inflamado, como se num palanque. Realmente, eu não sei o que diriam os frutos, mas, realmente, não é disto que estamos tratando aqui. Ninguém está disputando ou colocando em dúvida as credenciais do Pr. Ramos. A discussão está no nível de suas teorias interpretativas.

Conquanto, hipoteticamente, aceitemos os tais frutos, seriam estes frutos garantia de que as idéias do Pr. Ramos estão corretas? Com todo respeito, não creio! Quantos outros poderiam ser mencionados, com currículos até mais espessos e impressionantes, e isto não os impediu de noções equivocadas. A. T. Jones, o homem que quase se tornou presidente da Associação Geral, um poderoso líder, extraordinariamente dotado e com extraordinários serviços prestados à Igreja em várias áreas, mas que afinal assumiu idéias extremistas em muitos aspectos. O que dizer de J. E. Waggoner, recomendado por Ellen G. White como mensageiro de Deus da justificação pela fé, na histórica assembléia de Minneapolis, 1888, e isto também não o impediu de tornar-se confuso e desorientado, no nevoeiro das idéias panteístas do Dr. Kellogg. O que dizer ainda

de Albion Fox Ballenger, ou de M. L. Andreasen, professor de teologia que influenciou várias gerações de ministros adventistas, duas vezes convidado para escrever o trimensal da Escola Sabatina, e por vários anos Secretário de Campo da Associação Geral, mas que afinal rompeu com a liderança da Igreja, em função de suas idéias perfeccionistas e dogmáticas?

Muitos destes advogaram “nova luz” e “revelação progressiva”, escorando suas noções com incontáveis citações de Ellen G. White. E a estes poderíamos acrescentar uma legião de outros luminares menores, entre os quais se encontram, mais recentemente, muitos representantes dos ministérios independentes, ex-pastores, ex-missionários adventistas, zelosos e até bem intencionados, no projeto de “reformular a Igreja” e levá-la a um “arrependimento coletivo”, por “estar em erro”. Mas na verdade, é bom lembrar que as idéias e os esforços deles foram e têm sido um desserviço ao povo do advento, e à Igreja a que todos eles diziam amar, servir e defender.

Confusões Sobre Historicismo e Futurismo

Segundo o documento do Pr. Ramos, à página 12, ele explica, novamente para justificar suas teorias interpretativas, que o historicismo é seguro “*apenas para o estudo daquilo que acontece na terra*”. Deixo de entender a lógica do nosso autor. Parece que ele concorda que para interpretarmos os 2300 dias/anos de Daniel, temos que aplicar o método histórico, com o princípio diário. Ocorre, contudo, que do ano 31 a 1844, mais de 1.800 anos decorreram, e o foco da profecia é o ministério de Jesus no lugar santo, que está no céu. Então, se, na lógica do Pr. Ramos, o “historicismo não tem autonomia nas coisas que acontecem no céu”, a maior parte da profecia dos 2.300 anos, senão a sua totalidade, não tem qualquer paradigma de interpretação. Isto subverte completamente o adventismo. O Pr. Ramos parece não entender que em teologia, não é apenas o que se diz, que conta, mas as implicações daquilo que se diz que devem ser levados cuidadosamente em consideração.

À página 8 o Pr. Ramos observa: “Resta saber o que o Dr. Amin entende por doutrinas que são fundamentais para a Igreja...”; e então ele passa a enumerar os pilares das verdades mantidas pelos adventistas. A primeira delas, ele afirma, a doutrina do santuário. Corretíssimo (embora a doutrina do Santuário não tenha *prioridade lógica* para os adventistas, ela é fundamental). Novamente a falta de treino teológico adequado, ao Pr. Ramos, não o faz perceber as implicações do que ele ensina. Com a sua idéia de que “o que acontece no céu, estar fora do alcance do historicismo”, o ministério de Cristo no Lugar Santo e Santíssimo é a primeira doutrina a desaparecer. Esta pode não ser a intenção, mas, sem dúvida, é o resultado das teorias do Pr. Ramos. Precisamente por isto, eu havia dito em minha resenha anterior que há maneiras mais sutis de se minar os pilares fundamentais da fé do advento do que simplesmente negá-los abertamente. Teria o Pr. Ramos lido esta observação e a entendido?

Veja-se um bom sumário das idéias do Pr. Ramos, à página 14 do seu documento, em relação ao que estamos discutindo: “... o historicismo defende que as cenas de Ap. 4 e 5 dizem respeito à entronização de Jesus no Santuário Celestial por ocasião de Sua ascensão no ano 31, e que a abertura do livro selado

com Sete Selos marca o início da primeira fase do ministério de Jesus no lugar santo do Santuário Celestial, enquanto que a interpretação defendida pelo/s livro/s *Revelações do Apocalipse* [de sua autoria], e outros 'teólogos adventistas' [que ainda estamos sem saber quem realmente sejam estes tais 'teólogos adventistas'], interpretam a porta aberta e as cenas do Apoc. 4 e 5 como uma revelação do que aconteceu em 1844 e que a abertura dos Sete Selos deu início à segunda fase do ministério de Jesus no santíssimo do Santuário Celestial"! Fantástico! Vejamos, contudo, alguns aspectos importantes desconsiderados pelo Pr. Ramos.

Se o Pr. Ramos tivesse estudado cuidadosamente o capítulo "O Santuário Celestial, Centro de Nossa Esperança", p. 409-422, em *O Grande Conflito, sua conclusão poderia ter sido outra*. À página 414, Ellen G. White observa: "Os lugares santos do santuário celeste são representados pelos dois compartimentos do santuário terrestre. Sendo, em visão concedida ao apóstolo João vislumbrar o templo de Deus nos Céus, contemplou ele, ali, 'sete, lâmpadas de fogo' que 'diante do trono ardiam.' Apocalipse 4: 5." Note que é Ellen G. White quem cita o capítulo 4 do Apocalipse, interpretado por Ramos como relacionado com 1844. À página 420, ela completa: "O ministério do sacerdote durante o ano todo, no primeiro compartimento do santuário, 'para além do véu' que formava a porta e separava o lugar santo do pátio externo, representa o ministério em que entrou Cristo *ao ascender ao Céu...*" (Observe-se o termo "ascender", relacionado com o capítulo 4 do Apocalipse. Além disto, é desta porta que Bullón fala em seu livro, sem a implicação e má interpretação aludidas pelo Pr. Ramos.)

Continuemos com o raciocínio de Ellen G. White. Depois de comentar a relação de tipo e antítipo do Santuário, ela observa na página 421: "Esta era a obra ministerial no primeiro compartimento do santuário celeste." E na mesma página ela completa: "Durante dezoito séculos este ministério continuou no primeiro compartimento do santuário." Para obtermos 18 séculos, não podemos iniciar em 1844. Cabe repetir a pergunta: Desde quando? Como ela mesma indicou: "desde Sua ascensão". Mas aqui devemos notar que Ellen White conecta o Apocalipse 4:5 com a ascensão de Cristo, e isto é crucial. E quando se deu a ascensão? A menos que o Pr. Ramos tenha outra informação, o testemunho das Escrituras nos indica que a ascensão se deu no ano 31, a cena descrita nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse. No penúltimo parágrafo lemos ainda: "... ao terminarem em 1844, os 2300 dias, entrou Ele então, no lugar santíssimo do santuário celeste, a fim de levar a efeito a obra final da expiação, preparatória à Sua vinda." Note-se a seqüência:

1) Cristo ascende ao Céu no ano 31.

2) Citando Apocalipse 4, Ellen G. White conecta este texto com o início do ministério de Cristo no primeiro compartimento do Santuário, não com algo que aconteceria no futuro.

3) Dezoito séculos se passam até a Sua entrada, pela porta aberta, no Santo dos Santos para início do julgamento. Uma operação aritmética simples aqui, devastadora para as idéias do Pr. Ramos: Segundo Ellen White, entre a inauguração do Lugar Santo, no Apocalipse 4, dezoito séculos decorrem até 1884, quando iniciou o juízo investigativo. Não há como fugir desta seqüência. Além disto, se por dezoito séculos Cristo ministrou no primeiro compartimento no Céu, então, como o Pr. Ramos pode dizer que o principio dia/ano não tem validade para

aquilo que acontece no Céu? Ou, onde teriam ocorrido estes dezoito séculos do ministério de Cristo? O Pr. Ramos que diz ter consultado tantos teólogos e pastores (o que não parece ser fato); mas, se ele tivesse consultado somente Ellen G. White, visto os textos bíblicos utilizados por ela, sem suas leituras preconcebidas, e ele teria chegado à conclusão correta.

A Falta de Novidade do Futurismo do Pr. Ramos

O Pr. Ramos, por vezes, em tiradas messiânicas, dá a impressão que ele “descobriu a roda”. Contudo, já em 1992 (época da publicação do Livro *Symposium on Revelation – Book I*), Paulien denuncia as “interpretações, propostas por alguns”, acrescentando que “estes interpretes do fim-dos-tempos crêem que os selos... (Ap 4-11), descrevem eventos associados com o fim dos tempos, em lugar de estarem conectados com o marco histórico da era Cristã. Os Selos (Ap 4-6) são usualmente entendidos [por estes novos interpretes] como descrevendo aspectos do juízo investigativo e iniciaram em 1844” (idem p. 185). Curiosamente, na nota 3 da página 185, “estes adventistas”, que removem Ap. 4-6 para o tempo do fim, são chamados de “futuristas” por Paulien. E o Pr. Ramos julga que sou eu que quer “enquadrá-lo como futurista” (veja abaixo). Tanto Veloso (acima citado) quanto Paulien, autoridades no Apocalipse, consideram idéias semelhantes às do Pr. Ramos (mas que em muito antecederam à publicação dos seus livros), como futuristas.

Esclarecendo o Significado de Futurismo

O Pr. Ramos, na página 26 do seu documento de resposta, afirma: “O Dr. Amin tenta me enquadrar de qualquer jeito no futurismo, quando na realidade os livros Revelações do Apocalipse não tem nada a ver com o método interpretativo futurista.” Ou ainda que eu o “queira rotular como futurista” (idem). Fica evidente na mesma página que, para o Pr. Ramos, futurismo tem que ver com qualquer aplicação futura de uma profecia. Bem, se eu soubesse que o Pr. Ramos opera com confusões tão rudimentares, eu teria sido mais explicito em meu primeiro trabalho, começando com o ABC da interpretação profética! Uma vez que ele tenta discutir o tópico, eu julguei que ele entendesse pelo menos estas questões básicas.

O que ficou claro, para minha surpresa, é que o Pr. Ramos não entende o que seja preterismo ou futurismo. Tais métodos não têm que ver com a compreensão de que algumas profecias se cumpriram no passado, ou que algumas outras terão cumprimento no futuro. Isto qualquer pessoa que tenha contato básico com as Escrituras, ou mesmo com o dicionário, sabe. A falta de treino teológico do Pr. Ramos impede-o de entender do que se esta falando com estes métodos de interpretação bíblica. O preterismo significa crer que todas as profecias do Apocalipse se cumpriram no primeiro século da era cristã, basicamente com o império romano, no tempo do autor sagrado, assim, o que ele descreve, é praticamente o que ele testemunhou. O Futurismo, por outro lado, significa remover seções do Apocalipse, ou Daniel, do fluxo da história, e aplicá-los a um período futuro, desconectado da linha de tempo, ou seja, do tempo do

autor em diante. Isto é precisamente o que o Pr. Ramos faz. Ele remove seções do Apocalipse (capítulos 4 em diante) para 1844, fora do fluxo da história. Outro bom exemplo é a sua idéia dos três anos e meio de seca, no período de Elias, “inexplicavelmente” aplicando-o para um período futuro. Isto é o que faz o futurismo dispensacionalista. Para os dispensacionalistas, quase todo o livro do Apocalipse (exceto por alguns capítulos iniciais) deve ser cumprido no futuro, completamente desconectado da linha de tempo a partir dos dias do autor bíblico (um significativo exemplo é a septuagésima semana de Daniel 9, por coincidência, algo muito parecido com os tais três anos de seca de Elias, do Pr. Ramos). Para o dispensacionalismo, a septuagésima semana de Daniel constitui 7 anos literais, entre o retorno invisível de Cristo e o Seu retorno visível.

Em termos simplificados, nisto constitui o futurismo do Pr. Ramos, do qual ele tanto busca fugir; porque de alguma forma, sem saber exatamente porque, futurismo para ele não é algo bom. Mas, se ele não é preterista e também não é completamente historicista, como várias vezes afirma, e nega ser futurista, cabe a pergunta: Que método interpretativo ele adota? Este é o pecado interpretativo do Pr. Ramos, pois ele parece não entender a impossibilidade de ser parte historicista e parte futurista, como indiquei em minha resenha anterior. Ou então, cabe a ele dar um nome ao seu método de interpretação! Resta ainda o método idealista. Seria este? Ou, ainda, o princípio apotelesmático, de Desmond Ford! Ou em última análise, o Pr. Ramos não tem método nenhum. Ele poderia estar inaugurando o “ramismo” (derivado do sobrenome “Ramos”), neologismo a parte!

Repetindo Por Questões Didáticas

APOCALIPSE 4 a 11 E O FUTURISMO DO PR. RAMOS. Paulien, em sua análise da estrutura quiástica do Apocalipse, sugerida por Strand e por outros intérpretes adventistas antes dele, coloca o indicador sobre a interpretação do Pr. Ramos e de outros adventistas futuristas, desacreditando os argumentos utilizados para se remover Ap. 4 e 5 para 1844. “As cenas do santuário nos capítulos 4-5 é a primeira do santuário celestial no livro [do Apocalipse]. Esta é melhor identificada como um serviço de inauguração... A descrição não é definitivamente de uma cena de julgamento, como poderia se esperar, se o Dia da Expição estivesse em vista. De fato, a linguagem explícita de julgamento está totalmente ausente” (p. 193).

Vimos também o caráter exegético observado por Paulien, que se torna um grande obstáculo às idéias do Pr. Ramos. “A linguagem do julgamento na cena do Apocalipse 4-5 está totalmente ausente [no grego as palavras seriam *krima*, *krisis* e *krino*] até 6:10 onde é claro que o julgamento ainda não começou.” Parece inconcebível que Apocalipse 4-5 sejam uma cena do julgamento do fim dos tempos, quando o julgamento ainda não começou, mesmo ao tempo quando o quinto selo é aberto [veja as observações de Mario Veloso, acima].

“Enquanto há poucas alusões ao santuário em Apocalipse 4-5, estes capítulos podem estar relacionados com o Dia da Expição...” Paulien, então conclui: “Estas observações concernentes ao santuário na estrutura literária do Apocalipse, fortemente indicam que Apocalipse 4-5 é uma descrição simbólica do

serviço de inauguração no santuário celestial, que tomou lugar em 31 A.D. O que segue à cena de inauguração tem que ver com toda a era cristã, e não apenas com o fim” (idem, p. 193). É esta a posição adventista que, segundo a estatística do Pr. Ramos, causa surpresa entre “quase a totalidade dos pastores”? Então os tais pastores necessitam estudar seriamente a questão.

No capítulo escrito por Paulien, no indicado volume de *Symposium*, depois da criteriosa investigação da posição adventista quanto aos Selos e Trombetas, ele indica onde está a maioria dos adventistas desde os dias de Uriah Smith: “O peso das evidencias demonstradas neste capítulo é o reconhecimento de que o consenso dos pioneiros adventistas do sétimo dia sobre os Selos e as Trombetas [embora obscurecidos por limitado *insight* exegético]... era correto em sua percepção que os selos e as trombetas foram tencionados por João, sob a inspiração, a *cobrirem toda a era cristã, e não apenas o final desta era*” (p. 184). Observe-se que Paulien chega mesmo a admitir que a divisão do Apocalipse pelo próprio Uriah Smith (e em tempos recentes melhor defendida por outros, como Strand) estava correta (o que elimina a possibilidade de se remover Apocalipse 4 e 5, para o tempo do fim), “e *continua uma expressão deste consenso básico, martelado há mais de cem anos atrás por nossos pioneiros espirituais*” (idem). O Pr. Samuel não poderá, com sua estatística abstrata da “quase a totalidade dos pastores”, desfazer-se, em favor do seu futurismo (embora não reconhecido), de uma interpretação autenticamente adventista, solidamente alicerçada na teologia e na exegese sérias. Deploravelmente o Pr. Ramos não se informou melhor, e não leu obras cruciais para quem intencionava escrever sob o tópico que ele discutiu tão mal. Isto o teria ajudado a evitar muitas bizarrices!

A Recapitulação em Apocalipse 4-11

O Pr. Ramos, em suma, justifica suas interpretações “inovadoras” desta seção do livro do Apocalipse sob a alegação de que os grupos de sete (Igrejas, Selos, Trombetas) não podem se repetir, cobrindo o mesmo período da história. Tal compreensão representa uma enorme desconsideração e um desconhecimento básico da Revelação divina que se expressa utilizando a forma descritiva da literatura e poesia hebraica dos seus autores.

Já no livro de Genesis encontramos este estilo literário. O Genesis, inicialmente descreve de forma sucinta e geral a criação do homem (Gn 1:27-28). Contudo é apenas no capítulo 2:4 em diante que encontramos os detalhes desta criação. A teologia liberal entendeu erradamente isto como sendo diversidade de fontes, quando este é apenas o estilo da poesia hebraica, como recentemente entendido.

Outro exemplo clássico são as narrativas do livro de Daniel. O capítulo 2 apresenta um sumário da história humana, descrito pela estatua vista por Nabucodonosor. A mesma história, na seção profética do livro, é repetida com outros símbolos (veja Daniel 7, 8, etc.). Em outras palavras, os mesmos períodos são cobertos por símbolos diferentes, num consistente *pattern* de recapitulação que amplia e expande verdades já apresentadas, sem ser uma repetição mecânica.

O livro do Apocalipse apresenta precisamente o mesmo modelo, e isto é o que teólogos, não apenas adventistas, têm entendido por recapitulacionismo, em que, em várias partes do Apocalipse, o autor sagrado, repetidamente conduz seus leitores sobre o mesmo terreno, acrescentando novas perspectivas a cada instante. A questão é decisiva para alguém que mantém a interpretação historicista do Apocalipse, o que por sua vez estabelece uma interpretação singular do último livro das Escrituras. Recapitulação, como erradamente supõe o Pr. Ramos, não pressupõe repetição mecânica de conteúdo. A recapitulação se torna a ocasião para novas ênfases. A questão, como deixa de perceber o Pr. Ramos, é basicamente temática, não cronológica. Bruce M. Metzger, reconhecida autoridade no Apocalipse, observa: “As trombetas mais ou menos repetem a revelação dos sete selos, embora elas apresentem isto mais da perspectiva de Deus... Seguindo este *pattern* complexo e repetitivo, João preserva a unidade do seu trabalho, mantendo as várias partes juntas, e ao mesmo tempo desenvolvendo seus temas. O desenvolvimento, contudo, não é de um modelo estritamente lógico, tal como nós estamos familiarizados com o modelo ocidental de se escrever. Isto é, ao contrário, um produto da mente semita, a qual esboça o quadro todo, vez após vez. Assim, os sete selos e as sete trombetas contam essencialmente a mesma coisa, cada vez enfatizando um ou outro aspecto do todo” (Bruce M. Metzger, *Breaking the Code: Understanding the Book of Revelation* [Nashville: Abingdom, 1993], p. 55, 56).

Vários autores adventistas consistentemente adotam esta compreensão desta seção, aparentemente repetitiva do Apocalipse, observando a forma como cada repetição é ampliada com novos detalhes, naquilo que segue. Ekkehardt Muller, do Biblical Research Institute, apresenta as evidências do recapitulacionismo em Apocalipse 4-11, e deixa pouca margem para dúvida. Veja-se o excelente artigo de Mueller “Recapitulation on Revelation 4-11” Biblical Research Institute, facilmente encontrado no site dele, e ainda, do mesmo autor, *Microstructural Analysis of Revelation 4-11*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, Volume 21 (Berrien Springs: Andrews University Press, 1996). Veja-se também o comentário de Mario Veloso, indicado acima.

O Pr. Ramos e o Apocalipse 17

As Idéias do Pr. Ramos quanto ao Apocalipse 17. Como professor da disciplina Escatologia, por muitos anos, entendo perfeitamente que o capítulo 17 do livro do Apocalipse representa um grande desafio para os intérpretes. Por outro lado, estou também familiarizado com os destemperos que tem aparecido no cenário. O Pr. Ramos é apenas mais um. Sua teoria necessita, como mencionei anteriormente, vários tipos de incorreções interpretativas, históricas e contorcionismo, para produzir as idéias que encontramos no seu *Revelações do Apocalipse*, dignas de um destes tablóides, comuns nas bancas de jornais e supermercados americanos, para vender sensacionalismo e ficção. O Pr. Ramos não apresenta, em termos gerais, como também já indicado, nenhuma originalidade, exceto exageros ainda maiores, considerando-o como ministro adventista.

Na página 71, o Pr. Ramos observa, em tom de queixa, “O Dr. Amin deixa claro que não concorda com a interpretação sugerida no livro *Revelações do Apocalipse*, vol. 3, sobre Apoc. 17, porém não sugere nenhuma outra explicação apoiada na Bíblia.” O Pr. Ramos não me consultou antes, e realmente não me parece que ele esteja interessado em sugestões, uma vez que, segundo ele, sua interpretação está “apoiada na Bíblia”. Mas não creio que este seja o caso! Suas idéias estão a anos luz de distância das Escrituras. É claro que ele mistura textos bíblicos não relacionados, “aspergidos” com textos de Ellen G. White, também sem qualquer relação com as suas idéias. Tudo isto, não creio que por dolo, mas por imaginação farta, ou talvez para dar uma impressão “adventista”, e facilitar a aceitação de leitores desinformados, além de “exorcizar” as possíveis críticas.

Se ele tivesse me consultado, eu teria indicado quatro ou cinco estudos sobre o Apocalipse 17, que o teria grandemente ajudado:

1. Jon Paulien, *Revelation 17 and the Papacy* (Berrien Springs: Endtime Issues, 2002).
2. Ekkehardt Mueller, “A Besta do Apocalipse 17: Uma Sugestão”, *Parousia*, Ano 4, No. 1 (1º Semestre 2005), p. 31-41. Muller apresenta, mais recentemente, uma versão ampliada deste artigo, facilmente encontrada na internet.
3. Kenneth Strand escreveu todo um livro sobre o Apocalipse 17, publicado pela Ann Harbor Press há mais de 25 anos.
4. Veja também o comentário sobre o Apocalipse de Ranko Stevanovic, conhecido de qualquer estudante do último livro das Escrituras.
5. José Carlos Ramos oferece um sumário na *Revista Adventista*, agosto de 1999. Mas que foi expandido e publicado na revista *Parousia*.

Claro que algumas destas publicações são recentes, mas as idéias que eles afirmam estão disponíveis há muito tempo. Todas estas fontes apresentam uma interpretação adventista séria, realmente “apoiadas na Bíblia”, e biblicamente coerentes, embora possam apresentar entre si algumas variações, mas que fortemente desacreditam as noções travestis que tem surgido em tempos recentes, inspiradas, na melhor das hipóteses, em adventistas dissidentes, e que interpretam os “7 reis” como 7 papas, a partir de 1929, e então o 8º visto, alternativamente, como o último papa redivivo ou como o próprio Satanás. Se o Pr. Ramos realmente quer qualquer sugestão de como interpretar o Apocalipse 17, sem bizarrices e malabarismos interpretativos, aí estão fontes sérias que o teriam ajudado a evitar as confusões de suas idéias.

A título de curiosidade, para que o Pr. Ramos não diga que nunca lhe fiz uma sugestão alternativa, passo a resumir o que a maioria dos autores adventistas tem ensinado sobre o Apocalipse 17, concedendo espaço, como indiquei acima, para alguma variação:

- Em interpretação profética, “reis” consistentemente significam “reinos”, veja, por exemplo, Dn 7:17, onde os quatro reis mencionados não são governantes individuais, mas reinos. Tal realidade interpretativa destrói a teoria de que os reis mencionados em Ap. 17:10 sejam papas do século XX/XXI. Além disto, como a interpretação historicista sugere, a visão inicia com o tempo do profeta. Ao afirmar a respeito destes reis/reinos, que “cinco

já caíram” (observe-se a linguagem no passado), não faz qualquer sentido, avançar para o futuro, desconectado do tempo do autor sagrado, e interpretar o texto como referencia a papas futuros, em relação ao tempo de João. Curioso é que Ap. 17:12 diz: “Os dez chifres que viste são dez reis...” Por consistência lógica, o Pr. Ramos, e outros “interpretes” que igualam os “reis” (v. 10) com papas, deveriam nos indicar quem são estes reis por nome (como fazem com os papas). Quem são eles? Barak Obama? Osama Bin Laden? G. Bush? Reagan? Etc, etc. O teor ridículo e ilógico é evidente!

- Podemos acrescentar ainda: Paulien observa que “A abordagem adventista crê que Deus coloca nas visões apocalípticas informações precisas sobre o futuro, distante, mas este futuro é descrito na linguagem do tempo e lugar do profeta.” Em linguagem simples, o ponto de partida da profecia, como indicado acima, é o tempo João, no primeiro século A.D. O que descarta a teoria de que os reis sejam papas do século XX/XXI, e que o sétimo seja Bento XVI. Especulação pura!! Ekkehardt Muller indica de maneira semelhante, “Durante a visão o profeta se move livremente em tempo e lugar... A interpretação da visão, contudo, tem que se relacionar com o tempo e o lugar do profeta, para que faça sentido e para que saibam em qual tempo localizar os eventos preditos” (Veja o artigo indicado de *Parousia*). Da mesma forma, Paulien ainda indica que “Se quisermos entender o que Deus está dizendo a João sobre o futuro, precisamos primeiramente entender o que João entendeu” (*Revelation 17 and the Papacy*). Tal interpretação subverte na base todo castelo interpretativo do Pr. Ramos.
- O Pr. Ramos parece objetar a compreensão dos dois últimos parágrafos, indicado à página 24, tentando se “explicar”. “As Sete Pragas não começam no tempo em que o profeta João viveu, mas elas vão se cumprir na história humana futura.” – Novamente o desconhecimento do Pr. Ramos quanto a métodos de interpretação bíblica não permite que ele entenda o que se quer dizer com futurismo. Evidente e claro que as pragas não se cumprem nos dias de João, como mesmo uma criança saberia dizer. Ocorre que o Apocalipse 16 é parte de uma série de eventos que tem início nos dias do profeta (interpretação historicista), e não algo desvinculado, e projetado para o futuro, desconectado de qualquer coisa que tenha acontecido anteriormente na linha do tempo do livro, como entende o futurismo do Pr. Ramos. Mas, aqui poderia dizer como ele: “Eu não culpo o Pr. Ramos por não entender a crítica que lhe faço de futurista. O problema é que ele não sabe o que seja futurismo.”
- Diferentes interpretações adventistas, que são bíblicamente orientadas, podem ser mencionadas rapidamente, satisfazendo o pedido do Pr. Ramos, quanto a Apocalipse 17. A interpretação clássica:
 - “cinco já caíram” – Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia (em relação ao tempo do profeta);
 - “um é”, o 6º – Roma Imperial do tempo de João;
 - “outro não é vindo, e ficará pouco tempo”, o 7º – Roma Papal. Objetar esta interpretação, com base na expressão “tem de durar pouco tempo”, para se falar dos papas do século XX/XXI, é desconhecer o sentido bíblico das palavras. A palavra *oligos*, “pequeno”, “pouco” “curto”, é encontrada quatro

vezes no livro do Apocalipse: Ap 2:14, Ap; 3:4, em referência à quantidade de coisas e pessoas, enquanto que em Ap. 12:12 e 17:10, ela se refere a tempo. De acordo com Ap. 12:12, Satanás, desde a crucificação de Cristo “tem pouco tempo”... E este “pouco tempo” já se estende por quase dois milênios!

- Oitavo = a besta, é dos sete vai-se para a perdição – Esta interpretação adventista que estamos considerando, interpreta este “oitavo rei”, como a unidade político-religiosa do fim, liderada por Satanás, que será destruída no segundo advento. Nesta interpretação temos uma convergência entre o Dragão do Ap. 12; a Besta de Ap 13:1, e a Besta do Abismo Ap. 17.

Em segundo lugar, uma sugestão feita por Ekkhardt Muller indica outra sequência, na qual Satanás ocupa o lugar central em todas as fases da besta.

- Para Muller, a besta escarlate é melhor entendida como Satanás, agindo através de poderes políticos. As fases da besta e as subdivisões da cabeça são reinos, e não “reis individuais”. Estes reinos são Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Persia, Grécia, Roma e o Papado. A oitava é a própria besta, Satanás.
- Muller (justifica sua opção por Satanás, no lugar central de sua interpretação, lembrando que, 1) No livro do Apocalipse o abismo é distinto do mar, e consistentemente ligado a Satanás: o termo abismo é mencionado 7 vezes no livro (Ap. 9:1, 9:2, 9:11; 11:7, 17:8. 20:1 e 20:1/3). Em todas estas referências o foco é o diabo. 2) A besta do Apocalipse 17, tem forte afinidade com o dragão do cap. 12. Nas duas passagens ele se apresenta em guerra contra Cristo. 3) É difícil conceber que a besta é um dos poderes representados pelas cabeças, por exemplo, o papado. É também difícil ver como ela lutaria contra si mesma. É mais consistente entender que a besta escarlate seja o próprio Satanás.
- Assim, para Muller, a FASE ERA, diz respeito à atuação do diabo através de toda a história, através de inimigos do povo de Deus. A FASE NÃO É: Seu aprisionamento, durante o milênio. E finalmente a FASE SERÁ, e VAI PARA A DESTRUIÇÃO, o curto período de atividade do diabo, depois do milênio (Para maiores detalhes veja o artigo de Ekkehardt Muller, publicado na revista *Parousia*, indicada acima).

Em terceiro lugar, Jon Paulien apresenta alguma variação da interpretação de Muller, sem alterar muito o quadro interpretativo:

- A FASE ERA – O império satânico antes da cruz, se valendo de numerosas instrumentalidades.
- A fase “NÃO É” (está no abismo) > Satanás derrotado desde a cruz, 31 AC.
- A terceira fase, ressurgimento final, por um pouco de tempo – “todavia está para subir do abismo e vai para a perdição” – Representando o último confronto satânico, imediatamente antes do segundo Advento, que culmina com o aprisionamento de Satanás durante o Milênio e sua posterior destruição no lago de fogo. Para Paulien, há evidências no livro do Apocalipse de que “o dragão do capítulo 12, a besta do mar do capítulo 13, e a besta escarlate do capítulo 17 são três diferentes estágios da mesma besta”. (Veja *Paulien, Revelation 17 and the Papacy*). Para Paulien, ainda, o cap. 17 é uma descrição da própria trajetória do diabo, que desde o início

tentou parodiar o verdadeiro Deus, Aquele “que é, que era, e que há de vir” (Ap. 1:8), como foi intento dele, desde o início.

É claro que cada uma destas posições descreve em detalhes a sustentação bíblica para suas posições, que aqui não temos espaço para explorar.

Para ser justo com o Pr. Ramos, reli o volume III de sua obra *Revelações do Apocalipse*. Revi todas as minhas anotações anteriores. Minha conclusão foi precisamente a mesma. O que temos aqui é uma enorme barafunda, um verdadeiro ziguezague, de avanços e retrocessos, uma mistura de idéias de textos sem qualquer princípio organizador, sem qualquer “rima ou métrica”. Os sete reis são sete papas dos séculos XX-XXI, o oitavo é o próprio Satanás. O Pr. Ramos tenta unir esta idéia com a afirmação de Ellen G. White (*O Grande Conflito*, p. 624) quanto à personificação de Cristo por Satanás. Contudo, Ellen G. White nunca faz qualquer conexão entre o supremo ato de engano do diabo com o capítulo 17 do Apocalipse. Isto fica por conta do Pr. Ramos. Naturalmente, como indiquei anteriormente, a referência a “reis” em profecia nunca tem que realmente ver com “reis” (muito menos com papas), mas com reinos. Cabe ao Pr. Ramos explicar de onde ele tirou a idéia de até nomear os tais reis/papas dos séc. XX/XXI, Iniciando com o ano de 1929 (desconsiderando que o primeiro “rei” já iniciara o seu “reinado” 7 anos” antes, e desconsiderando que a restauração do papado, iniciara muito antes de 1929).

O Pr. Ramos tenta insinuar que eu creia ou sugira que o “oitavo rei” do Apocalipse 17 seja o papa João II redivivo. Isto seria o maior dos absurdos. Eu apenas perguntei se não era mais lógico dizer isto, como alguns protestantes afirmam (de quem o Pr. Ramos parece derivar suas idéias), uma vez que “o oitavo é dos 7” anteriores (17:11), do que a teoria dele quanto a diabo, uma vez que o Pr. Ramos chega mesmo a nomear os 7 anteriores?

Com relação, à idéia dos três anos e meio literais da última supremacia papal, afirmada pelo Pr. Ramos, tal noção é cheia de malabarismos e ginásticas. Sua tentativa de estabelecer tal período é realmente de fazer qualquer um coçar a cabeça. Veja o estranho raciocínio no Pr. Ramos “Se usarmos a Bíblia para explicar a Bíblia vamos descobrir que a primeira vez que Deus usou esse período de tempo de três anos e meio, foi nos dias do profeta Elias” (*Revelações*, p. 72). Segundo o Pr. Ramos “A origem dos três anos e meios literais é bíblica e lança luz sobre todas as outras profecias relacionadas ao mesmo período de tempo.” (idem). O Pr. Ramos comete um engano absurdo: o tal período no tempo de Elias, é de caráter descritivo e histórico. Ou tal período também deveria ser relacionado com os três anos e meio do ministério de Jesus? O Pr. Ramos mistura “alhos com bugalhos”!

Para ele, um tempo dois tempos e metade de um tempo (Dn 7:25), os 1.260 dias (Ap 11:3, 12:6) e os 42 meses (Ap 11:1, 13:5) tiveram um cumprimento na supremacia papal de 538 a 1798), “mas se aplica também à supremacia papal do tempo do fim”. Por quê? Simplesmente porque o Apocalipse 17 tem, segundo ele, uma associação com Jezabel, o que, em sua imaginação, está ligado aos tais três anos e meio... Tal ziguezague é realmente de pasmar qualquer pessoa familiarizada com princípios sérios de interpretação bíblica! Na página 70, mencionando o Tratado de Latrão, que é o marco inicial de toda esta embolada,

com a lista dos 7 papas, ele afirma a restauração do papado, “segundo o texto grego”. (Realmente não sei o que o texto grego tem que ver com isto... Usa-se o grego quando ele ajuda na compreensão de algum ponto obscuro...) Isto está no futuro (p. 68). E daí? O período de 538 a 1798, não estava no futuro? Ou é apenas a “supremacia papal” dos 42 meses literais que estavam no futuro? O Pr. Ramos afirma que os três anos e meio devem ser literais porque “o contexto do capítulo treze de Apocalipse é o tempo do fim em que a ferida mortal de 1798 seria curada” (p. 70). Novamente “alhos com bugalhos”. O capítulo 13 fala apenas de um período da supremacia papal, não há a mínima sugestão para se cortar daí um período de três anos e meio, e projetá-lo para um domínio posterior do papado.

E o pior, é que na imaginação fértil do Pr. Ramos, toda esta salada está baseada na Bíblia. Veja com que freqüência ele invoca a Bíblia para sustentar as suas idéias (não esqueçamos como ele faz o mesmo com os autores que ele cita). No livro *Revelações do Apocalipse*, vol. 3:

- “Se usarmos a Bíblia para explicar a Bíblia” (p. 72), para o Pr. Ramos isto justificaria o uso futurista que ele faz dos três anos e meio do tempo de Elias.
- “Foi Deus quem cunhou o papado com o nome de Jezabel” (p.73. e daí ele acha que o seu uso do período de três anos e meio está justificado. O nome de Jezabel aparece no Apocalipse apenas como um tipo, assim como Balaão, Nicolaítas, Antipas, Balaque, e tantos outros usos do Antigo Testamento, sem qualquer necessidade desta algazarra interpretativa. O Pr. Ramos cita a Lição de Battistone mais uma vez, para ligar Jezabel, o “oitavo rei” e os tais três anos. Ocorre que Battistone está apenas associando Jezabel descritivamente ao período medieval da Igreja Católica. Mas aí entra a famosa imaginação do Pr. Ramos, acrescentando textos de Ellen G. White que não têm absolutamente nada com o seu (de Ramos), método bizarro de “interpretação”.
- Das páginas 68-78 do seu livro (vol. III) o Pr. Ramos insiste que sua interpretação é bíblica... “questão de coerência...”; “respeito ao texto...”; “padrão constante”; “é coerente entender...”; “Deus escolheu...”; “a origem é bíblica”; “existe um contexto...”; “segundo o texto grego...”; “o texto profético não poderia ser mais claro”; “se usarmos a Bíblia...”; “a origem é bíblica”; “essencialmente bíblica...” Toda esta conversa poderia impressionar, até que entendemos o uso que o Pr. Ramos faz da Bíblia, em nada diferente do que ele faz com outros textos!
- Para terminar esta seção, gostaria de lembrar que a idéia do diabo como o 8º rei/papa, foi inicialmente explorada por Robert N. Smith Jr., um adventista leigo do Texas, em seu livro *The sixth King – “666” and The New World Order*, publicado em 1993. Antes dele, outros autores americanos o haviam antecipado, entre eles Robert Houser, autor de *Give Glory to Him – The Sanctuary in the Book of Revelation*, publicado 10 anos antes. Os dois, tanto Robert Jr. e Robert Houser, são participantes de ministérios independentes na América, de quem parece que o Pr. Ramos dependeu em suas idéias. O Pr. Ramos aqui, como é seu costume, mistura as coisas: 7 dos reis são papas do século XX-XXI, e o oitavo é Satanás. E ele tem o desprazer de dizer que “escolheu esta posição porque ela tem apoio bíblico e do Espírito

de Profecia” (agora, da sua resposta, p. 62). O texto de Ellen G. White no *Grande conflito* (p. 624).

Tempo e Disposição

Faltariam tempo e disposição para uma resposta detalhada à enorme quantidade de páginas que o Pr. Ramos escreveu em sua “resposta”, que me pareceu mais um longo sermão do que uma resposta acadêmica. Seis anos na direção do SALT no Unasp-EC, tendo que tratar quase que mensalmente com estas “teologias”, foram suficientes para me tornarem cético quanto à utilidade do projeto de discutir ou argumentar com aqueles que estão persuadidos de suas teorias. Aqueles que têm “teses” ou “nova luz” para defender dificilmente ouvem posições contrárias a eles. E assim continuam tentando “reformular a Igreja” com suas idéias alienadas e alienadoras. O que mais me assusta no Pr. Ramos é a maneira como ele cita as fontes, deliberadamente torcendo o significado delas para fazê-las dizer o que ele tem em sua cabeça. Pelo tom com que ele discute suas teorias, parece que ele realmente crê que todo mundo pensa como ele.

A seguir passo a pontuar alguns das idéias desconcertantes do Pr. Ramos, que são revistas, ou expandidas agora, sobre outro ângulo, e a fazer algumas ponderações finais.

1. Para a maioria, senão a totalidade de teólogos adventistas e certamente os pastores que eles treinaram, Apocalipse 4 a 11 tem que ver com o marco histórico, que cobre da ascensão de Cristo até o seu retorno. Esta é a posição recapitulacionista, contrária à interpretação mantida pelo Pr. Ramos. Veloso indica isto claramente em seu comentário do Apocalipse, como mencionado acima.
2. Outro problema sério nos escritos do Pr. Ramos são as suas fontes. Algumas vezes ele sugere que realmente não se preocupa muito com a natureza das fontes que usa. Isto é algo de surpreender, senão de estarrecer. Contrário à noção do Pr. Ramos, a natureza das fontes tem caráter crucial para a seriedade daquilo que se escreve, se é que se deseja que isto seja considerado algo sério. Ninguém, para discutir astronomia, por exemplo, usaria as revistas *Pato Donald* ou *Luluzinha*. Aqui permanecem minhas observações quanto a um grande número das fontes dúbias utilizadas na obra *Revelações do Apocalipse*, do Pr. Ramos. *Assim, o que disse anteriormente das fontes do Pr. Ramos, permanece*. Não importa quem as tenha usado, como ele às vezes diz, defensivamente.
3. Às vezes, como na página 48, o Pr. Ramos tenta justificar-se “Eu não pedi para ele [neste caso, Battistone, o autor da, agora, famosa lição da Escola Sabatina] escrever isso [noutros casos ‘aquilo’]...” Ocorre que também Battistone não pediu que o Pr. Ramos fizesse o uso que ele (Ramos) faz das afirmações dele (Battistone).
4. Na página 26, novamente o Pr. Ramos fala de “bons teólogos adventistas como Mario Veloso, Robert Dean Davis, Alejandro Bullón [erradamente incluído como teólogo], A. R. Treiyer defendem o que o livro selado com Sete Selos diz respeito ao Juízo Celestial, e que as cenas de Ap. 4 e 5

dizem respeito ao início do juízo em 1844.” Realmente é difícil convencer alguém que está deslumbrado com suas idéias! Já indiquei anteriormente que todos os nomes mencionados aqui pelo Pr. Ramos não têm nenhuma proximidade com as suas (do Pr. Ramos) fantasias. Veja, por exemplo, Bullón, abaixo.

5. Nas páginas 36 e 37, encontramos a fantástica confusão que o Pr. Ramos faz entre “selos” e “selamento”. No seu diapasão desafinado, o Pr. Ramos continua jogando nomes, textos (bíblicos e de Ellen White) e citações de outros autores, num único “caldeirão”, fazendo sua enorme salada interpretativa. Retoricamente ele pergunta, talvez para impressionar os desinformados: “Será que alguém poderia, de sã consciência, negar que o significado dos selos está intimamente relacionado com o selamento?” Como, segundo, ele “o historicismo tem feito”. A conclusão do Pr. Ramos parece estar baseada numa comparação mecânica da etimologia das palavras: selo e selamento.

Os selos mencionados no Apocalipse, simbolicamente, representam os eventos que cobrem toda a era crista, deste o início da expansão do Evangelho (representada pelo cavalo branco), até a consumação final, com o retorno de Cristo. Os selos são abertos em dois grupos: os primeiros quatro, com as cenas dos quatro cavalos (6:1-8). Note-se não apenas a intensificação do simbolismo, mas sua correlação lógica: do branco ao amarelo > a pregação do evangelho, a perseguição que isto desperta, a fome que resulta da contrafação, e finalmente a morte, ou praticamente o desaparecimento do evangelho em sua pureza. A abertura dos últimos 3 selos nos aproxima do tempo do fim. O quinto e o sexto selos (6:9-18) estão separados do sétimo (8:1) pelo interlúdio do selamento dos santos (capítulo). A idéia do selamento vem do Antigo Testamento, mais especificamente de Ezequiel 9, com a noção básica de propriedade, ratificação e proteção. O simbolismo mecânico, inventado pelo Pr. Ramos, nada tem a ver com as Escrituras e, na verdade, distorce o seu significado.

6. Pergunto ao Pr. Ramos, com que base hermenêutica ele toma três anos e meio do reinado de Jezabel, mesmo por um momento admitindo sua teoria: por que apenas três anos e meio, sendo que ela reinou mais tempo do que isto? Mais sério ainda, qual a justificativa para ele remover este período para o tempo do fim, para “ajustar” sua tese do último papa, etc.? A resposta, à página 58, é incrível e estarrecedoramente infantil, para se dizer o mínimo: “Pergunta p’ra Jesus”, ele responde! Francamente! Ora, claro que eu perguntaria para Jesus, houvesse Jesus sugerido esta conexão. Mas este não é o caso. Se, seguindo o conselho do nosso autor, eu realmente “perguntasse pra Jesus”, eu já sei qual seria a resposta de Cristo: “Pergunte para o Pr. Samuel”! Assim, é o Pr. Samuel quem deve esclarecer suas idéias. Ainda, a inclusão de Jon Paulien como resposta, é outro rotundo disparate, envolvendo outro mal uso de fontes (veja abaixo).
7. O Pr. Ramos sugere que eu digo serem suas idéias um “Castelo interpretativo”, porque falta-me uma “refutação bíblica para desmanchar o [seu] castelo bíblico” (p. 59). O Pr. Ramos, como muitos evangélicos pentecostais de hoje, utiliza uma “linguagem bíblica” (o pacote) para validar

idéias que nada têm a ver com a Bíblia (o conteúdo). Para ser franco, como disse no início de minha primeira resenha, é realmente difícil avaliar o que o Pr. Ramos escreveu. E agora digo por quê: sobretudo porque não há nada para ser avaliado! Prevalece minha percepção de uma enorme “salada”, um verdadeiro cipoal de coisas desconexas, ajustadas apenas com contorcionismo e malabarismo, sem qualquer lógica interna.

8. À página 82, o Pr. Ramos cita Tiago 4:11: “Irmãos, não faleis mal uns dos outros”; e, realmente, não julguei qualquer coisa que ele tenha dito. Minha avaliação prendeu-se ao que ele escreveu, o que imagino ser muito diferente de “julgar” o que não se viu ou leu. Não creio que eu tenha falado mal do Pr. Ramos, a quem respeito na fé do advento. Contudo são as suas idéias. Idéias, que foram analisadas e observadas. Estou absolutamente convicto que a “teologia [como ciência] passa”, e permanecem apenas “a fé, a esperança e a caridade”. Creio que a DSA sentiu-se na obrigação de dar uma resposta ao que o Pr. Ramos escrevera e publicara como um “experimento”, sem a ninguém consultar, confundindo igrejas no território de sua responsabilidade. Nada escrevi por malícia ou para “extravasar desprezo e rancor reprimidos”, como diz o Pr. Ramos na mesma página. De que “rancor reprimido” ele estaria falando? Aqui, sou eu quem diz que o Pr. Ramos está apenas me julgando (ou tentando se passar por vítima?).
9. O Pr. Ramos continua com a tal teoria de uma “nova ordem mundial”, “illuminati”, “Council on Foreign Relations”, etc., e continua mencionando aquela quantidade de nomes totalmente estranhos ao mundo da teologia e da própria sanidade religiosa (veja a página 76 em diante); e na página 77 ele diz que sou eu “que não entende o Apocalipse”. Ele teria que me dizer onde exatamente o Apocalipse menciona ou sugere todo este bla, bla, bla, fútil e inútil. O que eu realmente não entendo, e, sinceramente, não tenho nenhum desejo de entender, é porque todo este enorme esquema de trama, digno de qualquer filme de ficção, tanto encanta o Pr. Ramos. O Pr. Ramos precisa se desintoxicar de toda esta paranóia (repito o termo já utilizado anteriormente, sem qualquer tom de ofensa), e estudar a Bíblia nos termos da própria Bíblia.

Para os estudiosos do Apocalipse, não há qualquer dúvida que Satanás orquestrará uma união final, numa obra de mega-engano, utilizando as forças deste mundo, quer religiosas, políticas e econômicas, mas será que precisamos estar imaginando coisas? E que bem isto nos fará? Creio que nenhum, senão amedrontar o nosso povo. Se Deus utilizasse este método, ele não teria muita dificuldade, porque os terremotos, tsunamis, maremotos, enchentes, e um catálogo enorme de males, já estão aí, para advertir aos que crêem na Palavra. No Brasil, há décadas, crentes fanáticos e alarmistas têm anunciado estas teorias, cartas, livruchos, jornais, jornalecos e DVDs, circulam todos os meses. Recentemente, estes mesmos crentes paranóicos divulgaram no Brasil que a vacina do governo, H1N1, era um plano para matar milhões de pessoas, criando um caos sem precedentes. E o governo brasileiro ainda está experimentando uma enorme dor de cabeça para tirar isto da idéia do povo, e livrá-los daquilo que realmente pode matá-los: a tal gripe H1N1. O Pr. Ramos, na minha compreensão, não passa de

outro alarmista; e todos sabemos dos resultados funestos desta mentalidade de “Crying Wolf”. Quando o “lobo” realmente aparecer, o povo que agiu por medo, tornou-se incrédulo e cínico! O Pr. Ramos, como lhe faltam argumentos bíblicos, recorre ao velho método do terrorismo verbal (ou seria gráfico?). Recorre às teorias fantásticas de um imaginário complô macabro, de forças secretas, capaz de aterrorizar e desanimar o mais forte dos santos, ou induzir os crentes, pela razão errada (medo), a um preparo espiritual tipo “fast-food”, cujos efeitos desaparecem como fogos de artifício, até que o próximo alarmista apareça, se é que então eles já não tiverem perdido totalmente a sua fé!

10. À página 33, quando menciono Mt. 27:52 como exemplo de mau uso das Escrituras, o Pr. Ramos gostaria que eu tivesse citado outros textos. Bem, para ser completamente franco, para mim, toda a obra do Pr. Ramos é um exemplo de mau uso da Palavra de Deus. Cito em resposta às observações do Pr. Ramos, quanto ao texto em questão, o comentário de Mário Veloso (teólogo adventista citado favoravelmente pelo Pr. Ramos), em seu livro *Mateus, Contando a História de Jesus Rei* (CPB, 2006), na p. 363: “Quando Jesus morreu, houve um adiantamento da ressurreição final dos justos: ‘Abriram-se os sepulcros’, diz Mateus, e muitos santos que tinham morrido ressuscitaram. Efeito presente: saíram dos sepulcros. Porém Mateus não fica somente aí; dá um passo para o futuro, dois dias depois, domingo da ressurreição. Efeito futuro: ‘Depois da ressurreição de Jesus’, acrescenta, ‘entraram na cidade Santa e apareceram a muitos’ (Mt. 27, 52, 53).” Veloso continua: “Os indivíduos que viram esses santos [no domingo da ressurreição, embora a ressurreição deles tivesse ocorrido, na sexta] receberam o mais importante testemunho do poder da cruz que já foi devotado a alguém. O futuro estava alterado para sempre. A ressurreição não era só uma promessa para ser cumprida no futuro; a cruz fez com que se tornasse uma realidade presente. O presente e o futuro estavam juntos em Cristo Jesus, disponíveis para cada ser humano, como efeito imediato da morte do Senhor. O Reino dos Céus tinha chegado.”

Tal interpretação ajusta-se perfeitamente aos comentários de E. G. White. A morte de Jesus foi, segundo Mateus, validada por esta ressurreição especial, nada mais lógico. Todo o argumento de tipologia da páscoa mencionado pelo Pr. Ramos, não representa nenhum problema para a referência do Primeiro Evangelho quanto à ressurreição na sexta-feira, quando Jesus morreu, e manifestação dos ressuscitados, no domingo, quando Ele ressuscitou (isto é o que Mateus está dizendo). Por outro lado, Ellen White está apenas mencionando que quando Jesus ascendeu ao Céu no domingo, levou consigo estes ressuscitados, mencionados em Mateus. Meu comentário, como o de Veloso, se limita ao texto de Mateus, o único evangelista a tratar com esta ressurreição. Ellen White, por insight revelado, poderia (note no tempo verbal, que indica apenas uma possibilidade) até estar se referindo a outra ressurreição no domingo, juntamente com a ressurreição de Jesus, mas não é sobre isto que estamos discutindo. Curioso, no capítulo “O Senhor Ressuscitou”, do livro *O Desejado de Todas*

as Nações, Ellen White, cita Mateus 27:42 e 25, mas não faz nenhuma referência aos versos 52 e 53.

Aqui nós nos deparamos com a leitura das Escrituras do Pr. Ramos, que sofre de dois problemas básicos: (1) Ele é muito apressado em chegar às suas conclusões, sem primeiro entender realmente o que ele está lendo, e (2) Ele já traz suas conclusões às Escrituras, e assim, termina forçando o sentido do texto para ajustá-lo àquilo que foi desenvolvido na periferia do texto sagrado.

11. À página 45 o Pr. Ramos, noutra dos seus arroubos, afirma: “Há mais de 100 diferentes autores que estão escrevendo sobre as profecias do Apocalipse, sempre focando a interpretação historicista.” Então afirma ele em tons realmente quixotescos, “quando o principal foco do Apocalipse não é a história e sim o Santuário”. Bem, este é o óbvio ululante! Realmente é difícil entender os argumentos curvilíneos do Pr. Ramos. Que autor adventista afirma que o foco do Apocalipse é a história? Cite um, dos cem? O historicismo não glorifica a história, isto seria insanidade! O historicismo é apenas um método para se entender o Santuário dentro da história da salvação. O historicismo não glorifica a história, mas o Senhor da História.

Outro aspecto curioso aqui é a contradição do Pr. Ramos: num lugar ele afirma que a maioria dos pastores adventistas não crê mais no historicismo tradicionalmente mantido no método interpretativo da Igreja, agora ele diz que mais de 100 diferentes autores diferentes mantêm o historicismo. Se pastores abandonaram o método historicista, como os tais autores ainda estão utilizando-o? Entenda-se este tipo de raciocínio!

12. Para validar sua idéia de tempo literal na escatologia do Apocalipse (três anos e meio), o Pr. Ramos observa: “A profecia de 42 meses que se cumprirá na última supremacia papal após a aprovação mundial do Decreto Dominical”. Então, como costumeiramente ele faz com seus autores, ele cita Paulien. Paulien, em outro nível, está apenas expondo a trindade contrafeita, traçando um paralelismo entre os personagens, da falsa e da verdadeira, que aquela busca imitar. Ele apenas diz que a besta que surge do mar tenta imitar, ou ser uma contrafação de Cristo: na pretensão de perdoar pecados (referência ao nome de blasfêmia); sendo a imagem do dragão (como Cristo que foi a imagem do Pai); na “duração” do seu ministério e, na ferida que sofre (como Cristo), e na ressurreição (também como Cristo).

Paulien nada diz de uma duração literal de 42 meses para simular o a duração do ministério de Cristo. Ele apenas compara o ministério de Cristo, de três anos meio, reproduzido de maneira travesti, pelos “três anos meio proféticos”, da segunda pessoa da trindade contrafeita, ou seus 42 meses, ou 1.260 anos de “ministério”. Não há absolutamente nada de correlação literal entre Cristo e a besta, em termos de duração literal. Se o Pr. Ramos quer ser coerente com o seu “método”, aplique literalmente o que Paulien diz das outras semelhanças, reproduzidas pela besta que surge do mar. Tome, por exemplo, a “ferida” de morte. Como isto se ajustaria literalmente à morte de Cristo na cruz, a segunda pessoa da trindade verdadeira? E a ressurreição? Ou ainda, se o papado moderno cumpre três anos e meio

literais, então, como interpretar, pelo princípio dia-ano os 42 meses ou 1.260 dias, de supremacia papal através da história cristã? Ou vamos recorrer aos malabarismo corriqueiro no Pr. Ramos: “é tanto uma coisa como outra?” Neste caso, não! Ou é uma coisa ou é outra!

Novamente, a deformação é inconcebível. O Pr. Ramos precisa estudar cuidadosamente as fontes que ele usa, ou então a barafunda (termo que ele não gosta) permanece. Ou, mais fácil ainda, ele poderia entrar em contato com Paulien, no Departamento de Religião da Loma Linda University, na Califórnia, e sua (do Pr. Ramos) interpretação receberá um enorme balde de água fria. Alegar que Paulien e os outros (acima mencionados) concordam com um período de tempo literal de três anos e meio, cumprindo-se com o papado atual, francamente, não merece qualquer resposta, porque o argumento não é sério, e não vale a tinta e o papel gastos. O Pr. Samuel confunde “árvores com homens”, como na referencia do evangelho (Mc 8:24), e na crítica que Ellen White faz a Uriah Smith, incapaz de ver direito, no contexto da crise de Minneapolis 1888.

13. À página 16 em diante, o Pr. Ramos repete sua interpretação dos selos. Todo este exercício seria cômico, se não fosse trágico. Realmente é de se perguntar ao Pr. Ramos onde ele foi arranjar a sua simbologia, no mínimo grotesca: “O cavalo vermelho, os protestantes e evangélicos que se dizem salvos pelo sangue de Jesus, mas desprezam a obediência à Lei de Deus...” (já mencionei isto antes). De onde o Pr. Ramos foi tirar esta idéia, com seu ridículo anacronismo? Segundo, ele “embora o Dr. Amin se esforce para colocar em Jesus estas características do cavaleiro vermelho...” O cavalo vermelho, quer o Pr. Samuel queira ou não, representa a Igreja Cristã perseguida, dos primeiros séculos. Mencionei que nos evangelhos em várias circunstancias Jesus afirma que a aceitação dEle resultará em divisão, perseguição, espada e morte, e por conseqüência, sangue (não preciso aqui repetir os textos, eles estão lá, na minha resenha).

Veja-se que na seqüência interpretativa do Pr. Ramos: o Cavalo vermelho representa os protestantes, o cavalo preto a Igreja de Roma, e o Cavalo amarelo símbolo de morte de todos os condenados no juízo, etc. Não parece curioso o anacronismo histórico do Pr. Ramos? Os protestantes (cavalo vermelho) aparecem antes da Igreja de Roma (cavalo preto)! Mas o pior de toda esta confusão é o uso, a esta altura, eu não tenho qualquer dúvida, é puro dolo. Li e reli o livro do Pr. Bullón que, citado às páginas 15 e 16 do documento do Pr. Ramos, é referido como “evidência” de sua (do Pr. Ramos) interpretação dos selos, cumprindo-se em 1844. Li e reli as páginas mencionadas pelo Pr. Ramos, do livro *Primeiros Escritos*, de Ellen G. White, na p. 17 do documento do Pr. Ramos, para também sustentar sua interpretação esdrúxula dos selos, e NADA... Nenhuma associação com suas idéias. Não posso atribuir tal uso persistentemente errado, de fonte após fonte, senão a puro dolo. Cheguei à conclusão que não se pode confiar em absolutamente nada que o Pr. Ramos cite; o sentido será sempre outro, em relação à intencionalidade do autor original!

A mais clara prova de que Bullón desmascara a interpretação do Pr. Ramos é a interpretação que ele (Bullón) dá aos cavaleiros do Apocalipse. Vejamos: Falando do cavalo branco, Bullón escreve no livro citado, p. 40 e 41, “Aqui se revela a pureza e o poder da conquista do evangelho diante do paganismo no início da Igreja cristã. A cor branca é usada na Bíblia como símbolo de pureza... A figura do cavalo branco nos revela como se conduziu a Igreja de Jesus no primeiro século... Mas apesar de toda a fúria desatada contra o povo de Deus naquele primeiro período da história da Igreja cristã, ela se manteve fiel...” Citando Froom, Bullón relembra do triunfo da Igreja, enfrentando o Sinédrio, e os letrados rabinos, então ele arremata, “O inimigo e suas hostes romanas saíram assim, derrotados naquele primeiro período da Igreja cristã.”

Ainda na página 41, Bullón passa a descrever o cavalo vermelho, com a abertura do segundo selo, e acrescenta: “Já vimos que o cavalo branco – que significa o primeiro período da Igreja cristã – expressa a pureza do seu caráter e doutrina.” À página 42, ele observa: “O cavalo vermelho revela discórdia, discussão e controvérsia entre os filhos de Deus. Vermelho é a cor do sangue, e, por esse motivo, muitos estudiosos da Bíblia relacionam este período com a época de perseguições extremas que a Igreja atravessou durante os três primeiros séculos, sob a mão dos césores...”

Falando do cavalo preto, Bullón acrescenta, à página 43: “Quando o terceiro selo se abre, João diz... [então ele cita o texto bíblico, Ap. 6:5]... A cor preta fala por si mesma. É a antítese do branco. E se o cavalo branco simboliza o período de pureza da Igreja, você já pode imaginar o grau de degradação representado por este terceiro cavaleiro. Essa é a Igreja que vai até o início da Idade Média. Nesse período da História, a Igreja não foi capaz de manter pura a adoração ao único e verdadeiro Deus... Contaminou-se com uma montanha de tradições humanas e costumes pagãos” (p. 44). Bullón continua a falar freqüentemente da “igreja cristã daquela época”. À página 45, ele acrescenta: “Naquele período triste da Igreja, os filhos de Deus, guiados por seus líderes se afastam completamente dos ensinamentos da Bíblia, foi um período escuro. À medida em que crescia o poder do líder da Igreja cristã de Roma.”

Bullón descreve então a abertura do quarto selo, e o surgimento do cavalo amarelo. Para ele (p. 45-46), “A visão do cavalo amarelo simboliza o período no qual se consumou a degradação da Igreja cristã. Essa degradação teve início no período simbolizado pelo cavalo vermelho, acentuou-se no período simbolizado pelo cavalo preto e tornou-se terrível neste último período. A Igreja pura, que Jesus estabeleceu e que os apóstolos e os primeiros cristãos mantiveram incontaminada durante o primeiro século, foi se corrompendo lentamente. Quando chegamos à Idade Média, encontramos uma Igreja cristã de nome, que não era nem a sombra da Igreja pura que Jesus fundara.”

Este exercício, como já mencionado antes, não me dá nenhum prazer, mas não há outra forma de chegar a certas conclusões. Depois destas longas citações de Bullón, alistado, entre outros, ao lado de sua (do Pr. Ramos) interpretação dos selos, pergunto, em nome do Cristo encarnado:

Onde realmente o Pr. Ramos encontra a idéia de que estes selos, no livro do Pr. Bullon, se referem a um cumprimento em 1844? Ou será que Bullón também, como indiquei anteriormente, sugere este tipo de interpretação para enganar os redatores brasileiros (como o Pr. Ramos sugere de Battistone), para ter o seu livro publicado pela CPB? Francamente! A esta altura, já não posso atribuir a torção grotesca que o Pr. Ramos faz de suas fontes à simples má interpretação ou ignorância. Pode apenas ser dolo mesmo, puro e simples! E chego à terrível conclusão que todo este tempo, estive perdendo meu tempo com um trabalho de tão pouca seriedade, e que não justifica o esforço mesmo de uma leitura casual!

14. Em vários lugares (p. 78, 79) de sua “resposta”, o Pr. Samuel diz “não me culpar por não entender o Apocalipse”. Realmente, eu não entendo o livro do Apocalipse da perspectiva confusa dele. Por outro lado, na verdade, penso que é precisamente ele quem não entende o Apocalipse, o livro da Revelação de Jesus Cristo. Como os antigos gnósticos, o Pr. Ramos reivindica um conhecimento que, aparentemente, ele e mais alguns gurus “iluminados” possuem. Isto porque, talvez, ele diz ter “o hábito de ler os autores e livros citados nos livros que me agradam...” Em lugar de perder seu tempo com leituras de ficção, que o “agradam”, o Pr. Ramos deve passar a ler livros sérios, e deixar de vez o seu gosto por literatura “à la cabala” e especulações sobre sociedades secretas e seus planos diabólicos. “Deus é luz”, diz o apóstolo “e nEle não há trevas”. Não precisamos nos envolver com as maquinações das trevas, julgando que isto nos dará qualificação especial para ajudar a Igreja, nas últimas quadras de sua história!
15. Deixo ao Pr. Ramos a sugestão de que ele faça alguns cursos sérios sobre Metodologia de Pesquisa, para informar-se sobre como e que fontes utilizar naquilo que ele escreve.
16. Ellen White, em *Testemunhos para a Igreja*, vol 8, p. 294-295, numa seção sob o título, “Evitar Religião Sensacionalista”, observa: “Precisamos, no tempo atual, de homens espirituais na causa de Deus. Homens que sejam firmes nos princípios e tenham compreensão clara da verdade. Tenho sido instruída de que não é de doutrinas novas e fantasiosas que o povo precisa. Eles não necessitam de conjeturas humanas.” É claro que o Pr. Ramos não admitiria que todo seu arrazoado não passa de “de doutrinas fantasiosas e conjecturas humanas,” mas este é precisamente o caso, admita ele ou não!
17. Gostaria de observar, como indicado acima, que o Pr. Ramos, em instantes de melhor julgamento, dá um passo atrás, e afirma não ser dogmático, então sugere que todo o seu “arrazoado” pode não estar correto. Neste caso, “Deus nos dará a humildade para prosseguirmos na busca da verdade... Estou convicto que Deus nos sustentará na pregação dessa mensagem e também nos dará humildade para corrigir, se preciso for, algum equívoco ainda não detectado” (p. 106 do seu *Revelações*). Tal insegurança me deixa abismado. O homem que quer corrigir os “erros interpretativos da Igreja” não parece seguro das suas idéias. Creio que há aqui, por trás desta conversa, um forte elemento psicológico! Tentativa de se proteger? Salvaguarda diante das pessoas que o lêem? Falta de

convicção? As possibilidades são diversas. Mas creio que convicção é ingrediente fundamental para quem quer que pregue. Citar Miller não ajuda, porque o iniciador do movimento adventista da primeira metade do século XIX estava absolutamente certo de sua mensagem, e esta foi a base do seu impacto. Foi apenas depois do desapontamento que ele afirma aquilo que o Pr. Ramos menciona à p. 107, do seu livro.

O Pr. Ramos, se não estava tão seguro de suas idéias, como parece por vezes, deveria tê-las estudado melhor, observado todas as alternativas possíveis, pesado todos os argumentos, aconselhar-se com outras pessoas, e então decidir-se, e ao fazê-lo com convicção, falando pelos “dois cantos da boca”, porque a esta altura, ele já não é convincente. Como Ellen White afirma, nosso povo “não necessita de conjecturas humanas” (*Testemunhos Para a Igreja*, vol. 8, p. 295). Ou de “experimentos” como ela afirma noutro lugar, ou ainda que “Deus não pôs sobre ninguém o encargo de estimular o apetite pelas doutrinas e teorias especulativas”. Então ela apela: “Meus irmãos, não ensinem isso. Não permitam que tais coisas façam parte de sua experiência. Não seja por elas manchada a obra de sua vida” (idem).

18. Finalmente, observo ainda que todo o “castelo de cartas” da interpretação mal elaborada do Pr. Ramos tem encontro marcado com o desastre, e, como observei anteriormente, isto já está na barriga do futuro. Preto no branco, com a morte do seu “sétimo rei”, Bento XVI, o que cedo ou tarde acontecerá, o Pr. Ramos verá que ele esteve em erro, gastando tempo e energia, que poderiam ser mais bem empregados em projetos mais construtivos. Se é que ele não gastará mais tempo e energia, para justificar seus enganos.

Terminando em espírito de amor fraternal, digo que o Pr. Ramos, por vezes, me dá a impressão de ser uma versão moderna do bíblico Aimaás, o homem que queria correr e dar a notícia a qualquer preço: “Seja como for, deixame também correr...” (2Sm 18:22). E as conseqüências foram trágicas, para ele próprio. Aqui, como disse inicialmente, **saio desta discussão**, que em muitos sentidos considero infrutífera. Reafirmo minha apreciação pelo Pr. Ramos, e nada escrevi por malícia, desrespeito a ele, ou com conclusões encomendadas. Creio sinceramente que o Pr. Ramos deverá fazer uma séria revisão em suas idéias, se é que ele realmente deseja abençoar a Igreja que amamos, com o seu desejo de escrever e ensinar. E claro, como todos sabemos, para ensinar, precisamos antes aprender! Chamar-nos “Doutor” em nada mudará a realidade e essência das coisas.